



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS DESAFIOS
E SATISFAÇÕES DA PARENTALIDADE
ADOPTIVA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Bruna Carina Valenzuela Sampaio Tavares

Porto, Julho 2012



CATÓLICA PORTO
EDUCAÇÃO E PSICOLOGIA

*CONTRIBUTO PARA O ESTUDO DOS DESAFIOS
E SATISFAÇÕES DA PARENTALIDADE
ADOPTIVA*

Dissertação apresentada à Universidade Católica Portuguesa para obtenção
do grau de Mestre em Psicologia

- Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano -

Bruna Carina Valenzuela Sampaio Tavares

Trabalho efetuado sob a orientação de

Dra. Mariana Negrão

Professora Doutora Maria Raúl Lobo Xavier

Porto, Julho 2012

Para a minha mãe.

Agradecimentos

Muitos foram aqueles que se cruzaram no meu caminho ao longo destes últimos cinco anos, e contribuíram para o alcance desta nova etapa da minha vida. Gostaria, assim, de manifestar o meu grande apreço e gratidão:

A todos os casais que participaram no estudo, o meu muito obrigada por me deixarem entrar nas vossas vidas e conhecer as vossas histórias. Sem vocês este estudo não seria possível. Muito obrigada por partilharem comigo as vossas memórias!

À minha orientadora, Dr^a Mariana Negrão, pela transmissão de conhecimentos, por toda a disponibilidade, por todo o apoio, pela força e sobretudo por ter investido neste projecto, muito obrigada!

À minha mãe, a quem dedico este projecto, por ser o meu pilar, a minha fonte de energia, por ser quem me dá a força, por ter sempre acreditado em mim e nunca me ter deixado desistir. Por todas as palavras de coragem, que me fazem acreditar que tudo é possível e que sou capaz, por ser o meu exemplo, por todo o teu amor e força incondicional, MUITO OBRIGADA! Sem ti nada disto seria possível.

Ao meu irmão, por ter estado comigo sempre que precisei, obrigada pelas partilhas, momentos de crescimentos, por sermos iguais e nos completarmos nas diferenças. Na certeza de que vamos estar incondicionalmente juntos! MUITO OBRIGADA!

À minha querida família por estar sempre presente quando eu preciso e por todo o amor que em mim é tido como força para o alcançar dos meus objectivos. Em especial ao meu avô por ser uma fonte de transmissão de conhecimentos e por estar sempre disponível para o fazer. MUITO OBRIGADA!

Às minhas melhores amigas (Inês, Pipa, Mi e Léo), minhas irmãs de coração. Por me fazerem sentir especial, por estarem presentes sempre que eu preciso, por me darem força, pela boa disposição constante, pela cumplicidade e sobretudo por todos os momentos de amizade verdadeira. Sinto a vossa amizade a cada momento, que me faz acreditar em mim e assim alcançar os meus objectivos. MUITO OBRIGADA!

Ao Eduardo, à Carolina e à Rita, obrigada por me acompanharem há tantos anos.

Aos meus colegas de curso: Ana Raquel, Raquel, Rita, Rui, Miriam e Cláudia, muito obrigada por todos os nossos momentos de partilha, de estudo e principalmente pela amizade estabelecida!

Ao meu grupo de estudo: Léo, China e Francisco, que me acompanharam nos últimos dias e com a sua boa disposição fizeram com que ganhasse força para continuar. Muito obrigada!

Obrigada a todos por estarem a fazer parte do meu crescimento e por me fazerem ser uma pessoa cada vez melhor.

“Pedras no caminho? Guardo todas, um dia vou construir um castelo...”

Fernando Pessoa

Resumo

Não só com a parentalidade biológica é possível ser-se pai ou mãe, cada vez mais existem novas formas de ser família, e a adopção inclui-se nestas novas formas de constituir família. Em geral, a parentalidade acarreta inúmeros desafios e satisfações. No entanto, no que diz respeito à literatura sobre a adopção, os estudos centram-se sobretudo sobre os desafios. Neste sentido, surge o presente estudo que teve como principais objectivos identificar e compreender quais os factores de desafio e satisfação inerentes à parentalidade adoptiva e compreender a percepção dos pais em relação ao apoio recebido pela família alargada. Este estudo explora duas fases importantes – o processo de adopção e a parentalidade adoptiva. Sendo um estudo qualitativo, os dados foram recolhidos através de uma entrevista semi-estruturada construída de raiz para efeitos deste estudo. A recolha de dados ocorreu junto de 6 participantes com idades compreendidas entre os 37 e os 41 anos, tendo sido escolhidos respeitando os seguintes critérios de inclusão: terem o processo de adopção concluído há pelo menos um ano e terem filhos adoptados a frequentar o pré-escolar ou o 1º ciclo do ensino básico. Os principais resultados deste estudo dizem respeito a satisfações inerentes ao processo de adopção, às satisfações e realização plena com a parentalidade adoptiva e o apoio recebido pela família alargada sendo que este último não corrobora com o que foi encontrado na literatura. De acordo com estes resultados obtidos, no final deste estudo serão discutidas as implicações clínicas e apontadas sugestões para futuras investigações.

Abstract

To be a father or a mother is now attainable not alone by biological parenthood: new ways of getting a family are being developed, and adoption is one of them. As a matter of fact, parenthood in general implies a lot of challenges and satisfactions. However, the literature on adoption is mainly centered on the challenges it raises. The present study tries to answer three main objectives: to identify and understand which factors play a role in challenge and satisfaction inherent to adoptive parenthood, and to understand the parents' perception regarding the support received by the family at-large. This study takes on two important phases: the process of adoption and adoptive parenthood. It started as a qualitative study, so data were collected through a semi-structured interview designed specifically for this research. Data were collected in 6 participants, aged 37-41 years and selected according to the following criteria: adoption process ended more than 1 year, and adopted children now in the pre-scolar or in the 1st cycle of basic school. The main results stress the satisfactions inherent to the process of adoption, the satisfactions and full personal realization through adoptive parenthood, and the support received from the family-at-large. In this study, the results are at variance with what is mentioned in the literature. Based upon the results obtained, clinical implications are discussed and venues for future research are suggested.

Índice

Introdução	1
Capítulo 1	
1. Enquadramento teórico	3
1.1. Conceito de família	3
1.2. Adopção: conceito e história	5
1.3. Adopção: tipos, processo e motivações	6
1.4. Factores de desafio do processo de adopção	8
1.5. Factores de desafio da parentalidade adoptiva	12
1.6. Factores de satisfação da parentalidade adoptiva	17
Capítulo 2	
2. Metodologia	20
2.1. Objectivos específicos e questões de investigação	21
2.2. Participantes	21
2.3. Instrumento	22
2.4. Procedimentos	23
2.4.1. Procedimentos de recolha de dados	23
2.4.2. Procedimentos de análise de dados	23
Capítulo 3	
3. Resultados/Discussão	25
3.1. Factores de desafio do processo de adopção	26
3.2. Factores de satisfação do processo de adopção	32
3.3. Factores de desafio da parentalidade adoptiva	34
3.4. Factores de satisfação da parentalidade adoptiva	41
3.5. Apoio da família alargada	44
4. Conclusão	46
5. Referências bibliográficas	50
Anexos	

Índice de anexos

Anexo 1 – Guião de entrevista semi-estruturada

Anexo 2 – Consentimento informado

Anexo 3 – Grelha de classificação à priori de acordo com a revisão bibliográfica

Anexo 4 – Grelha de classificação à postriori de acordo com os resultados obtidos

Introdução

Num momento em que o conceito de família está a mudar e em que já não se privilegiam os laços biológicos, a adopção manifesta-se cada vez mais como uma nova forma de ser família. (Reis, 2009) Para Salvaterra (2007), a família contemporânea apresenta uma enorme diversidade. A família adoptiva é apenas uma das várias formas de constituir uma família. Adopção significa dar uma família a uma criança que não pode ser criada na sua família de origem, por esta não ter capacidade, não ter vontade e/ou estar legalmente inibida de exercer a função parental.

A adopção é um fenómeno com história e transversal a várias culturas e espécies. Com efeito, muitos são os casais que recorrem aos serviços de adopção (Nacional ou Internacional). Segundo Palacios e Brodzinsky (2005) são adoptados nos países ocidentais 120.000 a 150.000 menores/ano. Actualmente, estima-se que nos EUA sejam adoptados por ano cerca de 30.000 a 40.000 crianças. (Hagaard & Hazan, 2003, cit. in Salvaterra, 2007) Em Portugal, entre 1988 e 2009 foram adoptadas 2144 crianças. (ISS,IP, cit. In Ferreira, 2010) Face a estes números consideráveis de adopções, surge este estudo intitulado: “**Contributo para o estudo dos desafios e satisfações da parentalidade adoptiva**”, que tem como objectivo geral identificar e compreender quais os factores de satisfação e desafio inerentes à parentalidade adoptiva. Como se pode confirmar pelos elevados números de adopções, é uma temática pertinente na medida em que produz conhecimento social e politicamente relevante, tendo em conta todas as questões de promoção e protecção da infância, e em que a sua mudança está cada vez mais na agenda política. No entanto, e apesar de existirem inúmeros estudos sobre a temática da adopção (Brodzinsky, 1995; Palacios, Sánchez & Sánchez, 1996; Brodzinsky, Smith & Brodzinsky, 1998; McDonald, Prupp & Murphy, 2001; Ferreira, Pires & Salvaterra, 2004; Brandão, 2006; Berástegui, 2007; Salvaterra, 2007), estes centram-se sobretudo nos desafios associados a esta forma de parentalidade, neste sentido, o presente estudo é uma mais valia para a investigação, uma vez que se centra nas satisfações da adopção.

Este estudo também se torna pertinente uma vez que tenta aprofundar a questão do apoio da família alargada perante a adopção, algo que não está muito estudado empiricamente. O papel das redes familiares tem sido cada vez mais estudado, exemplo disso é a legislação de Inglaterra que estendeu alguns direitos aos avós, nomeadamente serem consultados assim que se considere pertinente (Salvaterra, 2007). A família alargada está também envolvida na adopção. Alguns

estudo salientam que a família dá menos apoio quando existe uma situação de adopção, e surgem alguns medos relativamente aos laços de sangue, colocam em causa os papéis dos pais e a chegada da criança é tida como um momento de choque inicial, dúvida e relutância (Singer et. al., 1985; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003, cit. in Rocha, 2009; Ferreira, Pires & Salvaterra, 2004). Neste sentido, importa estudar o apoio e sobretudo as reacções da família alargada perante esta decisão de adopção.

A primeira parte do presente estudo centrar-se num enquadramento teórico de acordo com a revisão bibliográfica realizada. No enquadramento teórico aborda-se o conceito de família, as vivências do processo de adopção, ou seja, os desafios e as satisfações do período de pré-adopção, e as vivências do período pós-adopção, isto é, que desafios e satisfações são apontadas pelos estudos analisados relativamente à parentalidade adoptiva. Numa segunda parte é explicada a metodologia utilizada no estudo realizado (objectivos específicos e questões de investigação, participantes/amostra, instrumento e procedimentos de recolha e análise de dados). Numa terceira parte pode-se encontrar os resultados, discussão e conclusões.

Capítulo 1

1. Enquadramento teórico

1.1. Conceito de família

O conceito de família tem sofrido uma evolução resultante das modificações sócio-culturais (ambientais, sociais, económicas, culturais, políticas e/ou religiosas) ao longo dos tempos (Cunha, 2005; Lourenço, 2007). O estudo da família tem sido objecto de investigação no campo das ciências humanas. Várias são as áreas de conhecimento (psicologia, sociologia, antropologia, etc) que têm tentado compreender e definir o conceito de família (Martins & Szymanski, 2004). Neste sentido a família pode ser definida como um conjunto de indivíduos que formam um grupo social básico e que tem uma relação de parentesco (biológico ou adoptivo) entre si. Sendo a família considerada um grupo social básico, deve ser vista e estudada como um todo, como um grupo institucionalizado (Relvas, 1996; Ceia, Rosa, Gautier & Silva, 2006). A família é considerada uma instituição que nasce com o homem. Esta é tida como o primeiro e mais importante espaço de desenvolvimento da personalidade do indivíduo (Ceia et. al., 2006).

Cada família tem os seus valores, as suas regras e as suas crenças que influenciam a dinâmica e o ambiente familiar, que por sua vez vai influenciar a formação do “ser” de cada sujeito. O ambiente e dinâmica familiar também é considerado um importante instrumento educativo (Ceia et. al., 2006).

A família é composta por membros com identidades próprias que, por sua vez, exercem papéis e funções distintos (Ceia et. al., 2006). Neste sentido, Caparrós (1998) (Cit. In. Ceia et. al., 2006) defende que cada família tem funções específicas e que estas podem ser a nível intrínseco como por exemplo: inculcar e transmitir valores; criar condições para o desenvolvimento biológico e psicológico; criar vínculos entre os membros da família. E a nível extrínseco a autora refere a criação de uma relação de ajuda entre as famílias que pertencem à mesma comunidade e a colaboração na construção de uma vida própria com qualidade.

Na revisão realizada, vários autores defendem a família como um espaço privilegiado para o desenvolvimento, aquisição e elaboração de aprendizagens significativas. É ainda um espaço de vivências de relações de parentesco que fazem com que cada indivíduo tenha sentimento de pertença à sua família e não a outra (Cunha, 2005; Alarcão, 2006; Ceia et. al., 2006).

Para além de ser vista como um todo, a família tem de ser vista como um sistema dinâmico em constante transformação, com regras próprias resultantes da sua própria história familiar, o que confere a cada família a sua identidade particular (Ceia et. al., 2006).

A família está a sofrer profundas reestruturações e transformações que culminam em novas formas de famílias: famílias monoparentais, adoptivas, de acolhimento, famílias reconstituídas e as famílias homossexuais (Cunha, 2005; Alarcão, 2006). Sendo que este estudo se centrará na família adoptiva, e sendo que esta forma de parentalidade constituiu uma nova forma de família, também estas famílias assumem as suas especificidades, nomeadamente, a adaptação da criança à nova família, o lidar com o estigma social, entre outras que serão abordadas e aprofundadas posteriormente.

Todas as famílias têm as suas características e passam pelo seu próprio ciclo vital. No entanto, alguns autores definiram algumas fases do ciclo de vida da família comuns à maior parte das famílias: formação do casal (sem filhos); famílias com filhos pequenos (recém-nascidos); famílias com filhos em idade escolar; famílias com filhos adolescentes; famílias com jovens-adultos (saída da casa dos pais); casais na meia idade; envelhecimento (Neighbour, 1985; Relvas, 1996; McGoldrick & Carter, 1999 cit. in. VanKatwyk, 2003; Alarcão, 2006). De igual modo, todas as famílias, adoptivas ou não, enfrentam diversos tipos de desafios inerentes ao exercício do seu papel como pai ou mãe, tais como: o desenvolvimento familiar equilibrado e saudável; a educação dos filhos; manter uma unidade familiar; promover um crescimento saudável das crianças; saber participar na vida escolar e manter uma segurança financeira. O caso das famílias adoptivas tem tanto de comum como de diferente. Também as famílias adoptivas têm o seu próprio ciclo de vida, estas passam pelas seguintes fases de ciclo vital: formação da família; famílias com crianças em idade pré-escolar; famílias com filhos na escola; famílias com filhos adolescentes; famílias com filhos adultos; famílias da fase tardia (Deacon, 1997; Relvas, 2002; Alarcão, 2006). No entanto este ciclo vital das famílias adoptivas também têm tarefas específicas com que se confrontam os pais adoptivos em cada estágio do ciclo de vida família da adoptiva: a decisão de adoptar; o ajustamento inicial à parentalidade adoptiva; as conversas sobre a adopção; satisfazer a curiosidade do(a) filho(a) sobre o tema; criar no(a) filho(a) uma visão positiva acerca das suas origens, fomentar na criança adoptada uma identidade e imagem de si positivas; e por vezes prestar apoio na busca da família de origem (Brodzinsky e Pinderhughes 2002). Estas e outras questões serão abaixo abordadas.

Pode concluir-se que a família é um sistema e tem como funções essenciais dar suporte social e emocional aos seus membros e criar e educar os filhos, ajudando-os a lidar com os desafios próprios do desenvolvimento (Salvaterra, 2007).

1.2. Adopção: Conceito e história

A prática da adopção transcende todas as culturas e tem sido uma parte integrante da sociedade desde o início da história. Quase todas as grandes sociedades primitivas - egípcios, chineses, indianos, gregos, romanos - praticaram alguma forma de adopção, que tem tido diferentes funções ao longo do tempo, influenciada pela evolução das sociedades (Brodzinsky, Lang & Smith, 1995; McDonald, Prupp & Murphy, 2001).

Durante a Idade Média a adopção entrou em declínio e foi na Era Moderna que a adopção ganhou maior importância. Após este período na evolução da adopção, que se caracterizou por ser centrado nos interesses dos adultos, começou, finalmente a acreditar-se, que toda a criança tem direito a uma família. Se por alguma razão a sua família não pode ser reabilitada, a adopção deve então ser considerada. Na primeira Guerra Mundial, a adopção pretendia dar resposta ao elevado número de órfãos resultantes deste marco histórico (Salvaterra, 2007). Foi no período da II Guerra Mundial que a adopção começou a ser vista como resposta ao problema de infertilidade (Salvaterra, 2007). Estas mudanças vieram a verificar-se, posteriormente, nos seguintes decretos-lei: decreto-lei nº 185/93 de 22 de Maio, o decreto-lei 120/98 de 8 de Maio, a lei nº 147/99, de 1 de Setembro, Lei de protecção de crianças e jovens em perigo, o programa de adopção 2000 e a recém aprovada lei 31/2003 de 22 de Agosto (Dec. Lei nº 31/2003 de 22 de Agosto; Salvaterra, 2007).

Em Portugal, a prática da adopção ganhou visibilidade na década de 90, quando se tomou consciência do elevado número de crianças institucionalizadas e sem projecto de vida (cerca de 15.000) (Salvaterra, 2007).

Neste sentido, torna-se relevante definir o conceito de adopção. Segundo o código civil, *“A adopção visa realizar o superior interesse da criança e será decretada quando presente reais vantagens para o adoptando, se funde em motivos legítimos, não envolva sacrifício injusto para os outros filhos do adoptante e seja razoável supor que entre o adoptante e o adoptando se estabelecerá um vínculo semelhante ao da filiação.”* (Dec. Lei nº 31/2003 de 22 de Agosto, Art. 1974).

Segundo vários autores que estudam o tema, a adopção significa dar uma família ou integrar numa família as crianças que, por alguma razão, não podem ser criadas nas suas famílias de origem e por isso são integradas numa família adoptiva, de forma definitiva e com aquisição do vínculo jurídico próprio da filiação (Diniz, 1993; Salvaterra, 2007). As razões que podem levar à adopção são: abandono, institucionalização, quando os pais morreram ou são desconhecidos, quando os pais biológicos estão incapazes, não querem ou estão legalmente inibidos de exercer a sua função parental (Diniz, 1993; Salvaterra, 2007). Para Salvaterra e Veríssimo (2008) as

crianças que chegam para a adoção vêm de famílias que são incapazes de dar respostas adequadas às suas necessidades afectivas, educativas, de saúde e de desenvolvimento social. São crianças cujos pais falharam no fornecimento de um nível de cuidados mínimos. Associado a casos de crianças para a adoção, estão algumas problemáticas comuns, tais como: álcool, abuso de drogas, assim como a falta de competências sociais e recursos emocionais necessários para corresponder às necessidades básicas das crianças. Neste sentido, a adoção é consumada quando existirem motivos legítimos; quando existir consentimento para a adoção ou uma decisão judicial que considere a criança legal para a adoção; quando trazer vantagens para o adoptado; e quando existir a hipótese visível que o adoptante e a criança vão criar entre si laços semelhantes aos que existem entre pais e filhos biológicos (Dec. Lei nº 31/2003 de 22 de Agosto, Art. 1978; ISS – IP, 2010).

Uma adoção bem sucedida, vai ao encontro das necessidades da criança, dando-lhe um lar e uma família de carácter permanente, para que a criança se sinta em segurança. As boas práticas focalizam-se no bem-estar da criança, não só no imediato, mas sobretudo a longo-prazo. No seu melhor, a adoção vai também ao encontro das necessidades da família adoptiva que desejou uma criança, assim como da família na qual a criança nasceu, que, não podendo tomar conta dela, desejou para ela o seu melhor (Diniz, 1993; Salvaterra, 2007; Dec. Lei nº 31/2003 de 22 de Agosto, Art. 1978; ISS – IP, 2010).

A adoção é então um processo gradual, que permite a uma pessoa ou um casal criar com uma criança um vínculo semelhante à relação entre pais e filhos. É importante que os pais e os filhos se sintam como tal, pois a adoção pode ser vista como uma substituição funcional e psicológica, e neste sentido é essencial que a criança adoptada seja integrada na história de vida dos seus pais adoptivos. Uma vez decretada judicialmente a adoção, tanto as crianças adoptadas como a sua família adoptiva têm todos os direitos e deveres como se fossem uma família biológica. (Diniz, 1993; Salvaterra, 2007).

Em suma, o pressuposto essencial para a adoção passa pelo *“desejo (de maternidade e de paternidade) e a disponibilidade para amar.”* (Sá, 2008).

1.3. Adoção: Tipos, processo e motivações

Existem várias formas de adoção: adoção plena, restrita, internacional, aberta e adoções especiais (Palacios, 2007; Reis, 2009; ISS – IP, 2010). A lei portuguesa prevê dois tipos de adoção: **adoção plena**, que consiste na adoção definitiva (não podendo ser revogada) do adoptado que passa a fazer parte da família

do adoptante. Nesta forma de adopção o adoptado deixa de ter contacto com a sua família biológica e perde os seus apelidos de origem e adquire os apelidos da família adoptiva. A outra forma de adopção praticada no nosso país é a **adopção restrita**. Neste tipo de adopção o adoptado mantém os seus direitos e deveres em relação à sua família de origem (pode adquirir apelidos da sua família adoptiva, mas tem de manter um ou mais apelidos da sua família biológica). Na adopção restrita, esta pode ser revogada e assim convertida em adopção plena, caso se verifiquem as condições legais exigidas, nomeadamente a autorização da família biológica, por pedido dos adoptantes. No nosso país é ainda praticada a **adopção internacional** que consiste na adopção de crianças provenientes de outros países (Dec. Lei nº 31/2003 de 22 de Agosto; Reis, 2009; ISS – IP, 2010).

A lei portuguesa estabelece que seja feita uma avaliação, por parte da Segurança Social, aos adoptantes, antes que a criança seja integrada na família, de forma a despistar possíveis problemas dos que se candidatam a pais adoptivos e assim evitar, também, situações de risco para a criança. Neste sentido o processo de adopção envolve diversas etapas: **Pré-candidatura** – fase em que os candidatos manifestam a sua vontade em adoptar e formalizam a sua candidatura; **Fase de avaliação** – período de avaliações psicológicas e sociais, para que se possa proceder à elaboração de um parecer técnico sobre a sua competência para se tornar pai/mãe adoptivo; **Fase de espera** – fase de pós-selecção até ao primeiro contacto com a criança e a sua posterior integração na família adoptiva; **Fase de “verificação do início do processo de vinculação observada”** – fase de primeiros encontros entre a criança e os candidatos para um conhecimento mais aprofundado. Fase de progressiva integração da criança na família adoptiva; **Fase de pré-adopção (prévio à adopção)** – neste período a criança é entregue à família adoptiva; **Fase de pós-selecção** – período após a adopção ser decretada pelo tribunal (Reis, 2009).

Durante o processo de avaliação, os serviços responsáveis devem ter em conta: a motivação do pedido de adopção; características do sistema familiar; modelos de parentalidade e a capacidade educativa dos candidatos a pais adoptivos; o perfil de personalidade de cada elemento da família; e a história da família (Salvaterra, 2007).

Pode assim concluir-se que os casais candidatos à adopção estão sujeitos a um processo complexo de avaliação que pode desencadear alguns desafios para estes. Neste sentido, no próximo tema serão abordadas as motivações destes casais para adoptarem e quais os principais desafios associados a este processo.

1.4. Factores de desafio do processo de adopção

Sendo o processo de adopção um processo complexo, marcado por trâmites específicos, ele desencadeia também uma vivência particular. Assim, e porque esta fase será posteriormente abordada no estudo empírico, importa conceptualizar o que a literatura já conhece acerca da vivência deste período.

Importa inicialmente abordar quais os principais motivos para a adopção. Várias são as motivações dos casais para adoptar. Neste sentido, existem alguns estudos que mostram as principais motivações para a adopção (Weber, 1996; Weber, 1998; Reppold & Hutz, 2003; Salvaterra, 2007; Gomes, 2009). Weber (1996) considera que a maior motivação para a adopção é o satisfazer o desejo de ser pai/mãe. Depois enumera outras motivações para a adopção, como por exemplo: necessidade de preencher o sentimento de solidão, proporcionar companhia a um(a) filho(a) único(a), escolher o género do(a) filho(a) ou substituir um(a) filho(a) biológico(a) falecido(a). Num outro artigo, as principais motivações para a adopção eram: 60% não podiam ter filhos, 10% eram mulheres solteiras que queriam ter filhos, 10% da amostra mencionou a importância social e 5% referiu a perda de um(a) filho(a) biológico(a) (Reppold & Hutz, 2003). Num estudo com 42 casais, 23,8% das mulheres refere como principal motivação para a adopção ser mãe pela primeira vez e contribuir para a felicidade de alguém, enquanto que 20% dos homens refere que a principal motivação para adoptar é poder ajudar e contribuir para a felicidade de alguém (Gomes, 2009).

Alguns estudos, para além de referirem a motivação, referem quem toma a iniciativa de adoptar, como por exemplo num estudo de Salvaterra (2007) em que 45,7% das mulheres referiu que tomaram a iniciativa para adoptar, por outro lado 47,9% refere que foram ambos os elementos dos casais que tomaram a iniciativa de adoptar.

Podemos assim concluir que várias são as motivações que levam os casais a pensar em adoptar, De seguida será feita uma revisão sobre as vivências da maternidade e paternidade adoptiva ao longo do processo de adopção, ou seja, que desafios estão descritos pela literatura, associados a este processo.

Os estudos de revisão mostram que antes de vivenciarem os seus papéis de pais adoptivos, estes pais já passaram por um longo e complicado processo resultante dos seguintes factores abaixo descritos.

Podemos dizer que, na grande maioria dos casos de candidatos à adopção (60 a 85%), a origem do pedido está na impossibilidade de ter filhos, isto é, um dos elementos do casal, ou mesmo ambos, **são inférteis** (Brodzinsky, Lang & Smith, 1995; Deacon, 1997; Ferreira, Pires e Salvaterra, 2004, Salvaterra, 2007, Zhang & Lee, 2010). Weber (1998) concluiu no seu estudo que em 69,57% dos casos era a

mulher que não podia ter filhos e em 38% dos casos era o homem que era infértil, sendo esta a principal motivação para a adopção. Num outro estudo de Palacios, Sánchez-Sandoval e Sánchez (1996) 60% dos casos a motivação para a adopção partia de uma razão biológica (infertilidade, problema genético, problema de saúde, ...). Num estudo de Lieblum e Greenfeld (1997) (cit. in Brodzinsky, Smith & Brodzinsky, 1998) estes defendem questões psicológicas associadas a problemas de infertilidade vivenciados pelos casais adoptivos, como sejam a baixa auto-estima, a ansiedade, a depressão, a imagem corporal distorcida, a diminuição da apetência sexual, disrupção da comunicação entre os elementos do casal e ressentimentos para com o(a) parceiro(a). Se estes pais não conseguirem lidar com estes problemas, a sua união, confiança e segurança ficam comprometidas assim como a sua capacidade para estabelecer um ambiente favorável em casa para adoptar uma criança e para conseguir lidar com as características específicas da adopção (Brodzinsky *et al.*, 1995). O factor da infertilidade é um factor que influenciará a vida destes casais para sempre, quanto mais não seja, por olharem para o filho adoptado e lembrarem-se que não puderam ser pais pela via biológica (Salvaterra, 2007). É importante que o casal avalie como enfrenta o seu problema de infertilidade e como este pode influenciar a sua vida e o exercício da parentalidade adoptiva. Apesar de reduzir o impacto negativo da infertilidade, a adopção não é a solução para o problema. (Pavão, 1998 cit. in. Gomes, 2009)

A **incerteza do tempo** que levará até ser concretizada a adopção é um outro factor de desafio vivido pelos casais durante o processo de adopção. Ao contrário da gravidez, a duração do tempo do processo de adopção é altamente imprevisível. Em Portugal, quando o pedido é, de uma criança considerada normal, o tempo de espera pode ir até aos 5/6 anos (dados do Serviço de Adopções do CDSS de Lisboa, cit. in Salvaterra, 2007). Este tempo de espera, mesmo após a sua candidatura ter sido aprovada, gera ansiedade, confusão, sentimentos de desamparo e muitas vezes depressão, podendo levá-los a questionar-se sobre o seu direito de serem pais (Brodzinsky, Smith & Brodzinsky, 1998). Numa investigação realizada por Palacios *et al.* (1996) junto de 393 famílias da Andaluzia, 64% da amostra relatou que o tempo de espera foi um momento difícil e marcado por preocupações. Num outro estudo de revisão, Salvaterra e Veríssimo (2008) o tempo de espera entre o pedido de adopção e a entrega da criança, foi de 1 a 2 anos em 30,3% dos casos, 27% esperou entre 2 a 3 anos, 21,7% esperou menos de 1 anos, 14% da amostra esperou 4 a 5 anos e apenas 4,8% esperou mais de 5 anos.

Outro factor que a investigação aponta como um dos desafios inerentes ao processo de adopção é o **longo e complicado processo institucional marcado por várias avaliações** (Berástegui, 2007). Para haver uma adopção, o candidato ou candidatas têm de ser avaliados e seleccionados pela entidade responsável pelos processos de adopção (ISS-IP, 2010). Por ser um processo longo, complicado, com várias avaliações e **trâmites jurídicos**, mais uma vez se salienta o facto de ser um período vivenciado por estes pais como sendo momentos de grande ansiedade, angústia e de um enorme sentimento de impotência (por não poderem acelerar o processo) (McDonald, Prupp & Murphy, 2001; Ferreira *et al.*, 2004).

Outra variável encontrada na revisão bibliográfica diz respeito às **expectativas e fantasias criadas pelos pais adoptivos** ao longo do período de pré-adopção. Assim, Gomes (2009) no seu estudo junto de 42 casais, explorou o tipo de fantasias e expectativas em relação à criança e à adaptação desta. Neste sentido, o tipo de fantasias criadas em relação à criança são de ordem “*emocional*” (meiga, carinhosa, feliz, ...) em que as mulheres obtiveram 61,9% e os homens 42,3%; questões de “*saúde*” em que as mulheres obtiveram 14,3% e os homens 4,7% de fantasias em relação à saúde; de ordem “*moral*” (humilde, responsável, com princípios, ...) em que se conclui que as mulheres têm mais fantasias desta ordem (11,9%) em comparação aos homens (4,7%). A autora concluiu que os homens têm mais ausência de fantasia (21,4%) em comparação com o valor obtido pelas mulheres (7,1%). Relativamente às expectativas criadas em relação à adaptação da criança, 42,9% das mulheres espera que seja positiva, já 21,4% dos homens considera que a qualidade da adaptação será positiva e 26,2% do total da amostra não criam expectativas (Gomes, 2009).

Alguns autores exploraram nos seus estudos quais as preferências dos casais candidatos a pais adoptivos pelas características das crianças. Assim, num estudo comparativo de adopções nacionais e internacionais (N=181), 67,03% prefere crianças até aos 6 meses de idade, 18,68% prefere crianças até 1 ano, 22,13% crianças até aos 2 anos, 12,21% crianças até aos 3 anos, 6,63% prefere crianças até aos 4 anos e 47,48% menciona crianças com mais de 4 anos (Weber, 1998). Para Ferreyra (1994) existem várias razões para os candidatos a pais adoptivos quererem crianças bebés: por quererem viver todas as experiências desde cedo; por terem medos ou receios em relação a adopções de crianças maiores, pois as crianças podem ter sequelas de experiências traumatizantes derivadas de abandono, institucionalização, influências do ambiente de origem; por dificuldades de adaptação por parte da criança; por receio que a criança traga “maus hábitos” ou ressentimentos ou poder ter lembranças da família de origem ou ainda criar resistência a novos vínculos (Ferreyra, 1994 cit. in. Weber, 1998). No estudo de Salvaterra e Veríssimo (2008) dos 465 pedidos de

adoção a maioria (N=208) desejava crianças até 1 ano de idade, apenas 6 sujeitos disseram aceitar uma criança com mais de 10 anos e 21 sujeitos não mostraram preferência etária.

Muitos são os estudos que mostram o ainda **estigma social** associado à adoção (Singer, Brodzinsky, Ramsay, Steir & Waters, 1985; Brodzinsky et. al., 1995; Salvaterra & Verissimo, 2008). Quando se tem um filho pela via biológica os pais raramente procuram opinião ou aceitação de ninguém, ao contrário dos pais adotivos que, segundo a investigação, para além de todo o processo de selecção são constantemente obrigados a justificar a sua intensão e decisão de adoptar (Reis, 2009). Num estudo sobre reflexão social, controle percebido e motivações para a adoção junto de mães adoptivas, 70% relatou já ter experienciado episódios de discriminação (Reppold & Hutz, 2003). Quando a comunicação é feita à família alargada e aos amigos próximos, estes pais são confrontados com o estigma, recebem menos apoio, deparam-se com comentários que reforçam a importância dos laços de sangue e são desafiados com a legitimidade dos seus papéis de pais perante o filho adoptivo (Singer et. al., 1985; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003, cit. in Rocha, 2009). A aceitação face à chegada da criança é muitas vezes sentida como complicada e como um choque inicial carregando em si sentimentos de dúvida, relutância e friezas iniciais. (Ferreira et al., 2004).

Apesar destes desafios vividos pelos casais no processo de adoção, Brodzinsky et al. (1998) consideram contudo que os pais adoptivos têm um conjunto de características que os ajuda a ultrapassar estas dificuldades mais facilmente que os pais não adoptivos devido: a serem mais velhos, casados há mais tempo e com uma vida profissional e financeira estável. Estes três factores conjugados leva a que tenham sentimentos de estabilidade, plenitude, possuam mais estratégias para lidar com situações de stress, maior sensibilidade e comunicação entre o casal. Apesar das muitas potenciais complicações associadas à transição para a parentalidade adoptiva, quer a investigação quer a experiência clínica mostra que a maioria das famílias adoptivas lidam de forma muito adequada com esta fase das suas vidas (Brodzinsky & Huffman, 1988). Gomes (2009) realizou um estudo com 42 casais para perceber qual a satisfação conjugal em casais candidatos à adoção e concluiu que 46% das mulheres respondeu que a relação irá “melhorar”, enquanto que 19,5% considera que irá “melhorar bastante”. Por sua vez 34% dos homens deste estudo considera que a relação irá “melhorar” enquanto que 24,4% respondeu que irá “melhorar bastante”.

Não têm sido encontradas diferenças entre famílias adoptivas e não adoptivas (Plomin & DeFries, 1985, cit. in Brodzinsky et al., 1998) no que diz respeito às vivências da parentalidade adoptiva em comparação com a parentalidade biológica, .

Num estudo levado a cabo por Ferreira (2008) sobre a satisfação conjugal e a parentalidade biológica e adoptiva junto de 171 casais (99 com filhos biológicos e 72 com filhos adoptivos), concluiu-se que não existem diferenças significativas no que diz respeito à satisfação conjugal percebida pelos pais biológicos e pelos pais adoptivos.

1.5. Factores de desafio da parentalidade adoptiva

Anteriormente foram referidas as vivências pelas quais os pais adoptivos têm de passar antes de se tornarem pais através da adopção. Neste sentido, de seguida serão apresentados os desafios e as satisfações pós-processo de adopção. Como este estudo se centrará nas famílias com crianças em idade pré-escolar (3-5 anos) e idade escolar, será feita uma ponte para as principais satisfações e os principais desafios no ciclo de vida das famílias adoptivas com filhos nestas idades, de acordo com a revisão bibliográfica realizada.

A transição para a parentalidade é um processo comum aos pais adoptivos e aos pais biológicos. Tanto uns como outros têm de se adaptar à chegada da criança, quer seja por nascimento biológico ou por adopção. No entanto, as realidades são diferentes em ambos os casos, sendo que os pais biológicos têm a possibilidade de prepararem para a parentalidade durante os 9 meses de gestação (Santona & Zavattini, 2005). Por outro lado, os pais adoptivos deparam-se com um tempo de preparação incerto e como tal têm de lidar com um maior número de desafios derivados da adopção (Brodzinsky, 1995).

Os casais inférteis que se tornam pais pela via da adopção têm de **lidar com o facto de não poderem ter filhos biológicos**, como referido anteriormente, porque olham para um filho que não nasceu pela via biológica, por perfilhar alguém concebido por outra pessoa, porque sentem o estigma social da recorrência de confrontos relativos à situação de infertilidade, da filiação psicológica, das dúvidas quanto ao património hereditário da criança, das suas implicações no desenvolvimento individual e no desenvolvimento das relações familiares (Hoksbergen, 1997; Noy-Sharav, 2002 cit. in Gomes, 2009).

Um outro desafio específico destes casais é a **transição para a parentalidade adoptiva** (por vezes repentina) e a **adaptação inicial** a esta nova fase. (Levy-Shiff, Goldsmith & Har-Even, 1991; Brodzinsky *et al.*, 1998; Ferreira *et al.*, 2004; Farber, Timberlake, Mudd & Cullen, 2003; Brandão, 2006) Nesta fase ainda existe as marcas deixadas pelo longo e complicado processo de avaliação e espera, no qual os casais sentem a sua intimidade invadida e frustrados quanto ao facto da possibilidade de serem pais estar dependente de outras pessoas (Cudmore, 2005). Numa primeira fase

de adaptação a esta nova fase de vida, tanto os pais como as crianças passam por diferentes alterações sobretudo de rotinas (Ferreira *et al.*, 2004). Um estudo levado a cabo em Valencia por Magán e Tarazona (2007) junto de famílias que tinham acabado de receber em casa os seus filhos adoptivos, estas enumeraram como principal mudança a reorganização da dinâmica familiar. Nesta fase surge algumas ansiedades no que diz respeito à adaptação da criança (à casa e aos próprios pais). Também as crianças têm de se adaptar a uma realidade completamente diferente do que a que viveram até então. Neste sentido, estas famílias estão mais vulneráveis a reacções por parte da criança adoptada, o que se reflete no seu comportamento, por exemplo, na rejeição de alimentos, problemas de sono, de choro, etc, que podem ser interpretados como sintomas de inadaptação ao novo ambiente. Estas reacções podem levar a que os pais se questionem sobre as suas competências como pais (Brandão, 2006).

A **criação de vínculo afectivo** com a criança adoptada e a **preocupação com o desenvolvimento saudável** da criança são outros desafios que estes pais têm de passar (Brodzinsky *et al.*, 1998; Ferreira *et al.*, 2004; Farber *et al.*, 2003; Brandão, 2006). Nas famílias com crianças em idade escolar é frequente surgirem expectativas relativamente à capacidade de aprendizagem das crianças, neste sentido os pais adoptivos temem que as capacidades intelectuais das crianças possam estar comprometidas e que se manifestem em dificuldades de aprendizagem ou insucesso escolar devido a factores de risco provenientes de antecedentes familiares (Brandão, 2006). A este respeito, um estudo de Palacios e Sánchez (1996) com 865 crianças (adoptadas e não-adoptadas e institucionalizadas) entre os 4 e os 16 anos investigou algumas variáveis comportamentais das crianças. Os principais resultados foram: (a) prevalência de problemas de comportamento em crianças em idade pré-escolar: 64,85% nas crianças adoptadas, 63,08 em crianças não-adoptadas e 76,35% em crianças institucionalizadas, (b) problemas de comportamento em idade escolar, as crianças adoptadas tiveram 89,62%, as não-adoptadas tiveram 83,79% e as crianças institucionalizadas 95,84%, (c) hostilidade/agressividade em crianças do pré-escolar, os adoptados obtiveram 22,38%, os não-adoptados 20,48% e as crianças institucionalizadas 26,05%. Nas crianças em idade escolar os resultados foram: 22,81% nas crianças adoptadas, 19,79% nas não-adoptadas e 23,04% nas crianças institucionalizadas. (d) hiperactividade/distracção na idade escolar, as crianças adoptadas obtiveram 10,15%, as não-adoptadas 8,35% e as institucionalizadas 10,40%. (e) à ansiedade/nervosismo na idade escolar, as crianças adoptadas obtiveram o valor de 20,04%, as não-adoptadas 20,38% e as institucionalizadas 22,62%. Os autores resumem que não foram encontradas diferenças significativas

entre os vários grupos. Neste mesmo estudo, 64% dos pais considera que as capacidades intelectuais dos seus filhos são melhores ou muito melhores do que esperavam. Num estudo mais recente de Brodzinsky (2011), com 260 crianças (130 adoptadas e 130 não-adoptadas), as suas principais conclusões foram que as crianças adoptadas são mais vulneráveis a sintomas de externalização (exemplo: hiperactividade e agressividade).

Algo que preocupa bastante os pais e diz respeito à **comunicação entre pais e filhos sobre a adopção**. Surgem questões como: quando e como contar aos filhos sobre a sua situação de adopção (o que dizer, em que idade, em que momento,); como discutir abertamente com a criança sobre a adopção; como lidar com a curiosidade da criança sobre a sua família de origem; como ajudar a criança a lidar com sentimentos de perda relacionados com a adopção; como lidar com o possível facto do jovem/jovem-adulto querer procurar a sua família de origem, são questões muito desenvolvidas na literatura (Soares, 2009).

Em **famílias com crianças em idade pré-escolar (3-5anos)** uma das tarefas específicas desta etapa do ciclo de vida prende-se com o facto da criança perceber de onde vêm os bebés e começam a colocar questões que pode levar a que os pais tenham de fazer a revelação sobre a situação de adopção. Nesta etapa a criança ainda não percebe a diferença entre ser filho adoptivo ou biológico, mas tem capacidade para formar uma ideia clara sobre ser adoptado e aceita a explicação que nasceu de outra barriga mas que é filho daqueles pais (Salvaterra & Veríssimo 2008; Brandão, 2006; Brodzinsky, 2011). Segundo um estudo de Soares (2009), nesta faixa-étaria antes dos 6 anos as perguntas mais frequentes, são questões relacionadas com a família adoptiva (49%) e com a família biológica (49%).

Por outro lado, nas famílias com **crianças em idade escolar**, a entrada na escola faz com que a criança inicie um pensamento mais lógico e reflexivo, conseguindo ter noção sobre as diferenças entre uma família biológica e a família adoptiva (Salvaterra & Veríssimo, 2008; Brodzinsky, 2011). Com o inevitável alargamento do mundo social da criança, se ainda não foi feita a revelação sobre a situação da adopção, torna-se impensável fazê-lo para não correr o risco desta revelação ser feita por outra pessoa se não o pai e/ou a mãe. Nesta etapa de desenvolvimento a criança já consegue entender e ter consciência que ser adoptado significa ter sido aceite por uma família e rejeitado por outra (Brandão, 2006; Salvaterra & Veríssimo, 2008). Entre os 6 e os 12 anos (79%) e depois dos 12 anos (100%) as questões mais frequentes relacionam-se com a família biológica (Soares, 2009).

Neste sentido, surgem alguns estudos que colocam estas variáveis em destaque, como por exemplo o estudo referido de Palacios e Sánchez (1996) junto de 393 famílias da Andaluzia em que 91% dos pais considera ter boa comunicação com os seus filhos, em comparação com 4% dos pais que diz ter má comunicação com os seus filhos. Os autores concluíram que quanto mais alto é o nível educativo dos pais, mais afectuosos e mais comunicativos são com os seus filhos. Num outro estudo com 58 crianças sobre a temática da comunicação acerca da adopção, quando questionadas sobre a idade que tinham quando os pais falaram pela primeira vez sobre a adopção, 11,6% referiram ter menos de 4 anos, 25,6% referiram ter entre 4 e 6 anos, 32,6% entre 6 e 9 e 7% referiram ter entre 9 e 12 anos e 23,3% já tinham conhecimento do seu estatuto de adoptadas no momento da adopção (Ferreira, 2010). Neste mesmo estudo referido, 80,4% das crianças disse não falar frequentemente sobre o assunto, 51,8% diz que fala facilmente no assunto em comparação com 48,2% das crianças que diz não falar facilmente no assunto e 73,2% tem curiosidade acerca da adopção (Ferreira, 2010). No estudo de Soares (2009), dos 67 pais entrevistados, 85% afirmou ter comunicado com a criança sobre a adopção, por outro lado 15% dos pais disse não ter falado com a criança sobre o assunto. No estudo já mencionado de Ferreira (2010) junto de 58 crianças, quando estas foram questionadas sobre a facilidade do pai e da mãe em abordar o tema da adopção 77,6% das crianças respondeu que o pai não inicia o tema mas responde às questões que são colocadas em comparação aos 85,7% da opinião das crianças em relação à mãe; 67,3% das crianças referiu que o pai fala à vontade sobre a adopção em comparação com 76,8% das mães; as crianças referiram que 20,4% dos pais e 21,4% das mães fica nervoso quando fala na adopção; outra questão abordada foi o facto dos pais falarem muitas vezes no tema da adopção e os resultados obtidos através da opinião das crianças entrevistadas foi de 16,3% (pai) e 21,4% (mãe); 44,9% das crianças respondeu que o pai 'nunca fala na adopção, o tema é sempre iniciado pela criança' em comparação com 12,5% das respostas dadas pelas crianças em relação à mãe; as crianças referiram ainda que 22,4% dos pais e 12,5% das mães recusa falar na adopção.

Relativamente ao momento da revelação, uma investigação de Palacios *et al.* (1996) mostrou que 52% da amostra admitiu que informaram os seus filhos sobre a sua situação de adopção sendo que 35% destes pais afirmou que o momento da revelação é um processo difícil. Um outro estudo de Huber e Siqueira, 2010 corrobora estes dados indicando que o momento mais difícil relatado pelos pais foi o momento da revelação. Este momento causa angústia e medo, e traz questionamentos sobre a melhor maneira de o fazer, sendo a grande questão a idade em que esta revelação deve ser feita

Relativamente a esta questão, dados do já mencionado estudo de Soares, (2009), conclui-se que a idade em que a criança deve saber que é adoptada é entre os 4-6anos; a idade apropriada para a criança saber que a sua mãe a rejeitou é entre os 15 e os 18 anos; a criança deve saber as características dos seus pais biológicos entre os 15 e os 18 anos de idade; a idade mais indicada para a criança conhecer a localização dos seus pais biológicos é quando tem mais de 18 anos; o estudo refere que a criança deve conhecer a sua história prévia à adopção entre os 6 e os 9 anos; e a última questão abordada é sobre a criança saber quais os motivos que leevaram os seus pais a adoptar e a idade proposta é entre os 4 e os 6 anos.

Outro desafio com que estes pais se deparam diz respeito ao receio de **não conseguir moldar a criança às suas próprias características ou de não se adaptar** à criança ou esta aos pais e por outro lado de terem **dificuldade em exercer uma autoridade e disciplinas claras**: por medo de não ter afecto da criança, por pena relativamente ao seu sofrimento passado, por receio de ser demasiado agressivo na imposição de certas frustrações, ou por gratidão pela atribuição de uma criança, os pais podem adoptar um estilo educativo permissivo ou ambivalente (Brodzinsky *et al.*, 1998; Farber *et al.*, 2003; Brandão, 2006). Relativamente ao estabelecimento de regras, 94% dos pais adotivos considera importante que existam regras (Palacios & Sánchez, 1996). Isto leva-nos a pensar nos estilos parentais exercidos, neste sentido, o estudo de Ferreira (2008) faz uma comparação dos estilos parentais praticados por pais adoptivos e biológicos concluindo que não existem diferenças significativas entre pais biológicos e os adoptivos.. No entanto esta conclusão não é consensual uma vez que outros estudos concluíram que as famílias adoptivas são mais permissivas que as famílias biológicas (Palacios & Sánchez, 1996). A insatisfação com a adopção surge quando as crianças adoptadas têm problemas de comportamento (Sánchez-Sandoval, 2011).

Como já foi referido, a adopção pode estar associada a alguns estigmas. Neste sentido um outro desafio vivido por estas famílias adoptivas diz respeito ao lidarem com o **estigma** e sobretudo com a **reacção familiar**. Nas famílias adoptivas com crianças entre os 3 e os 5anos, existe uma enorme necessidade, por parte dos pais, que os seus filhos adoptivos sejam aceites socialmente (Brandão, 2006; Salvaterra & Veríssimo 2008). No estudo de Salvaterra *et al.* (2004), as mães entrevistadas referiram que para além de todas as alterações da sua vida, das preocupações com o desenvolvimento e estado de saúde da criança, outra das suas preocupações é a aceitação da adopção por parte dos familiares e todo o apoio que estes lhe possam dar. No mesmo estudo é ainda referido que nesta fase inicial estas mães procuram suporte funcional e emocional juntos dos seus familiares mais próximos. Brodzinsky,

(2011) ressalta que é cada vez mais importante estes pais sentirem o apoio não só da sua família e amigos como também dos profissionais desta área (assistentes sociais, psicólogos, etc)

Palacios e Sánchez-Sandoval (2006) realizaram um estudo junto de 104 famílias adoptivas acerca da parentalidade adoptiva e concluíram que não existem diferenças significativas no que diz respeito ao stress vivido pelos pais adoptivos em comparação aos pais biológicos. Os pais biológicos passam pelos mesmos stresses que os outros pais, tendo algumas especificidades da sua parentalidade, nomeadamente, em relação à comunicação e aos afectos (Alarcão, 2006; Palacios e Sánchez-Sandoval, 2006).

1.6. Factores de satisfação da parentalidade adoptiva

Apesar de existir uma enorme diversidade de estudos sobre a adopção, são raros os estudos que abordam a temática aos factores de satisfação vivenciados pelos pais adoptivos, a maior parte de revisão bibliográfica encontrada diz respeito aos desafios vividos durante o processo de adopção e pós este processo. No entanto, em alguns estudos realizados sobre os desafios da parentalidade adoptiva, surgem dados que podem levar a concluir as satisfações dos pais perante uma situação de adopção.

Ainda no processo de adopção, nem tudo são desafios, existem satisfações associadas ao processo, nomeadamente o momento do primeiro contacto. Num estudo qualitativo junto de 6 mães, estas referem que viveram este primeiro contacto com “muita alegria e comoção” e que mantêm este momento como uma recordação viva na sua memória (Ferreira *et al.*, 2004).

Também a adaptação a esta nova fase de vida pode estar associada a algumas satisfações. Num estudo com 104 casais Israelitas (52 casais eram pais adoptivos e 52 eram pais não adoptivos) verificou-se que os pais adoptivos tinham expectativas mais positivas e relataram experiências mais satisfatórias na sua transição para a parentalidade em comparação com os pais biológicos. Estes resultados levaram a que os autores concluíssem que o tempo que leva até que este pais se tornem pais, faz com que os pais adoptivos sejam mais capazes de apreciar os benefícios e gratificações resultantes da paternidade, assim como estarem mais dispostos e prontos para aceitar as alterações na sua vida (Levy-Shiff *et al.*, 1991). Por outro lado, o estudo de Molina (2002) (cit. in. Monteiro, 2009) refere a adaptação do filho, a categoria mais mencionada foi a de “*Fácil*” adaptação (7 em 14 casos), a categoria de “*Gradual*” adaptação foi mencionada em 5 dos 14 casos e a adaptação “*Difícil*” é expressada em apenas dois casos. Relativamente à adaptação dos pais, o

mesmo estudo concluiu que a categoria “*Fácil*” adaptação foi verificada em 7 dos 14 casos estudados, a categoria “*Difícil*” adaptação verificou-se em 4 dos 14 casos e a adaptação “*Gradual*” foi notória em apenas 3 casos. Os pais referem que foi uma adaptação natural e rápida (Almeida, 2010). A integração da criança pode ser melhor ou pior consoante determinados factores: as experiências prévias, as expectativas de abandono, o baixo sentimento de pertença e de permanência na família, carência de habilidades sociais, baixa capacidade de vínculo, problemas de comportamento, baixo sentido de auto-eficácia e fracas redes de apoio social

Analisando os dados de Sánchez-Sandoval (2011) percebemos que 98% dos pais admitem que os filhos estão plenamente integrados; 96% concluíram que estão satisfeitos com as características dos filhos; 90% considera que a sua vida é muito mais feliz após se terem tornado pais adoptivos.

Ainda no que diz respeito a factores de satisfação, num estudo de Palacios e Sánchez (1996) com 568 famílias andaluzas, 92% dos pais considera que os seus filhos são muito carinhosos; 95% da amostra estão bastante satisfeitos com a relação com o filho(a) adoptivo(a), e mostram-se igualmente satisfeitos com as suas características. Outro resultado adicional do estudo, os autores concluíram que as famílias adoptivas, no geral, são muito coesas. Para Berástegui (2005) 80 a 85% dos pais estão satisfeitos com a sua situação familiar actual. No estudo já citado de Zhang e Lee (2010), todas as famílias (N=10) ficaram satisfeitas com o processo de adopção e os seus resultados, e estão dispostos a repetir a experiência. Os dados do estudo de Weber (1996) referem que a amostra está plenamente satisfeita com a adopção. Referem que não tiveram dificuldade na educação nem no relacionamento com a criança e incentivam outros pais a adoptarem. De forma geral os estudos apontam para altos níveis de satisfação dos pais adoptivos em relação à adopção (McDonald *et al.*, 2001; Peláez, 2007, cit. in Rocha, 2009). Um estudo bastante recente de Sánchez-Sandoval (2011), junto de 272 famílias conclui que 77,7% das famílias está muito mais feliz depois da adopção em comparação com os 37% que considera que a sua vida é mais complicada depois da adopção. No mesmo estudo, 91, 9% da amostra considera positivas as repercursões da adopção. No estudo citado anteriormente, a autora conclui que o êxito da adopção é válido quando é analisado em relação com a satisfação das crianças com a sua vida, assim, quanto mais contentes as crianças estão, mais provável estarão também os seus pais e isso manifesta-se numa maior satisfação com a adopção. De um modo geral os pais estão bastante satisfeitos com a adopção e a adaptação da criança. Embora um estudo de Berástegui (2005) 3,7% dos pais se pudesse voltar atrás no tempo e não adoptaria a criança, no entanto a maioria da amostra 80 a 85% estão satisfeitos com a sua

situação familiar actual. Alguns estudos apontam para a insatisfação das famílias adoptivas, tal se pode dever a problemas de comportamento, nomeadamente hiperactividade, agressividade, problemas de atenção, etc. (Molina, 2002, cit. in. Monteiro, 2009; Palacios, 2007).

Capítulo 2

2. Metodologia

Tendo em conta o objectivo geral de identificar e compreender quais as satisfações e desafios inerente à parentalidade adoptiva, a metodologia utilizada foi de natureza qualitativa, de forma a compreender, em profundidade, as percepções dos pais em relação aos desafios e satisfações resultantes das suas vivências enquanto pais adoptivos.

Neste método qualitativo estudam-se construtos que não podem ser analisados ou medidos em termos de quantidade, intensidade ou frequência, salienta-se a compreensão e descrição dos fenómenos globalmente considerados a partir da perspectiva, valores, crenças, representações, atitudes e opiniões dos entrevistados. (Fernandes, 1991; Snape & Spencer, 2003; Almeida & Freire, 2008; Silva, 2010). Neste sentido o método qualitativo tenta compreender de forma global os fenómenos a partir de uma lógica indutiva, holística e idiográfica. Numa primeira fase aprofunda-se o conhecimento da temática através da revisão bibliográfica e depois elabora-se um resumo descritivo dos fenómenos observados (Almeida & Freire, 2008; Silva, 2010). De facto, o presente estudo tem como lógica fundamental do processo de produção de conhecimento científico, a lógica indutiva, ou seja, é baseado em dados recolhidos através das entrevistas feitas aos pais e depois transcritas, codificadas e analisadas. A metodologia de recolha e análise de dados no método qualitativo é bastante mais diverso e flexível comparativamente ao método quantitativo (Almeida & Freire, 2008).

Para este estudo ter-se-á em conta a *Grounded Theory* de Glaser e Strauss (1967). Esta teoria tem como objectivo gerar nova informação de acordo com a recolha e análise dos dados e na orientação do investigadores através de um processo indutivo de produção de conhecimento. Se por um lado a *Grounded Theory* tenta definir os seus procedimentos no sentido de conduzir a interpretação dos dados com rigor e precisão, por outro permite a criatividade necessária à ocorrência de um dos princípios básicos na construção de teoria, ou seja, a capacidade para dar sentido e significado aos dados (Fernandes & Maia, 2001). A abordagem indutiva em interacção com a recolha e análise de dados, permite ao investigador aprofundar as experiências vividas pelos participantes, e que vai muito mais além que a análise quantitativa (Strauss & Corbin, 1990).

2.1. Objectivos específicos e questões de investigação

Os objectivos de investigação são: a) Identificar e compreender os factores de **desafio** vividos no **processo de adopção**; b) Identificar e compreender os factores de **satisfação** vividos no **processo de adopção**; c) Identificar e compreender os factores de **desafio** relacionados com a **parentalidade adoptiva**; d) Identificar e compreender os factores de **satisfação** relacionados com **parentalidade adoptiva**; e) Compreender a percepção dos pais em relação ao **apoio recebido pelos familiares** e amigos (no período de pré-adopção e no período de pós-adopção); Estes objectivos de investigação pretendem responder às seguintes questões de investigação: f) Que factores são identificados pelos pais como principais desafios na parentalidade adoptiva?; g) Que factores são identificados pelos pais como principais satisfações na parentalidade adoptiva?; h) Que factores são identificados pelos pais como principais desafios na parentalidade adoptiva; i) Que factores são identificados pelos pais como principais satisfações na parentalidade adoptiva; j) Como é que o pai e a mãe percebem o apoio recebido pela família alargada (no processo de adopção e na parentalidade adoptiva).

2.2. Participantes

Os participantes deste estudo constituem uma amostra de conveniência (método de *snowball*), tendo sido escolhidos respeitando os seguintes critérios de inclusão: casais que tenham concluído o seu processo de adopção há pelo menos um ano e terem filhos adoptados a frequentar o pré-escolar ou o 1º ciclo do ensino básico. Estes critérios de inclusão devem-se ao facto dos casais terem passado pelo processo de adopção recentemente e por essa razão terem memórias mais presentes, e por já não se encontrarem numa fase de adaptação à criança. Por outro lado, como já estão a vivenciar a parentalidade, podem reflectir sobre o seu papel enquanto pais e assim descreverem quais os principais desafios e satisfações da parentalidade adoptiva, questão cerne deste estudo.

Participaram neste estudo três casais com idades compreendidas entre os 37 e os 41 anos. O nível sócio-económico dos participantes é médio-alto.

Um dos casais tinha dois filhos adoptados, uma filha com 7 anos, adoptada há 7 anos, desde os seus 9 meses, e o outro filho com 2 anos. Neste caso, e devido aos critérios de selecção, foi pedido aos pais que se focalizassem na experiência de adopção apenas da filha mais velha. O outro casal tem duas filhas, uma filha biológica com 3 anos e uma filha adoptiva com 9 anos, adoptada há 3 anos desde os seus 6 anos. Este caso trata-se de uma adopção internacional pelo que o processo ainda não

está terminado. Por último, foi entrevistado um casal com uma filha adoptiva que tinha 6 anos, foi adoptada há 1 ano quando tinha 5 anos.

2.3. Instrumento

No método qualitativo, a recolha de dado mais comum é através da entrevista. (Snape & Spencer, 2003) Dentro deste tipo de instrumento, existe a entrevista semi-estruturada que tem como premissa a sua flexibilidade, permitindo ao entrevistador abordar novos tópicos quando assim se justificar de acordo com o discurso do entrevistado, ou seja, explorar outras questões que não estão indicadas no guião da entrevista mas surgem naturalmente com o discurso do sujeito entrevistado (Legard, Keegan & Ward, 2003).

A entrevista utilizada para este estudo tem este cariz semi-estruturado e foi construída com base na revisão bibliográfica realizada, abordando dimensões que se julgaram pertinentes para responder ao objectivo do presente estudo. Como já referido, A entrevista semi-estruturada tem a vantagem de poder adaptar algumas questões consoante o rumo da entrevista, dando ainda possibilidade de colocar questões que não estão no guião da entrevista, pelo que as perguntas abaixo descritas são apenas indicativas

Os dados foram recolhidos através deste método de recolha de dados, tendo sido construída de raiz, no âmbito deste estudo (cf. Anexo 1). Esta entrevista está organizada segundo uma lógica temporal no sentido dos participantes reviverem todo o processo para assim chegarmos aos desafios e satisfações de cada fase. Com isto, destacam-se as seguintes dimensões: período pré-adoção (motivação para a adoção, decisão, características da criança, vivências e reacções/apoios) e período pós-adoção (vivências e reacções/apoios).

Dentro da primeira dimensão, relativa ao processo de adoção estavam incluídas perguntas tais como: qual o principal motivo principal para a adoção; Que “fantasias” criaram em relação à criança?; Alguma vez sentiu que esta decisão não foi bem recebida? Por parte de quem?; Quais os principais desafios em relação ao processo de adoção?; Quais as principais satisfações em relação ao processo de adoção?.

Numa segunda parte, a entrevista insidia sobre as vivências actuais em relação à adoção, ou seja, ao período de pós-adoção. Nesta dimensão os participantes, e posicionavam-se relativamente aos principais desafios e às principais satisfações através da resposta a perguntas como por exemplo: Quais os principais desafios com

a sua vida familiar no momento?; Quais as principais satisfações com a sua vida familiar no momento?; Considera que por ter um filho adoptado a sua família é diferente das outras?; Considera que por ter um filho adoptivo tem problemas que as outras famílias não têm?; Sente que a vêm de maneira diferente por ter um filho adoptado?.

2.4. Procedimentos

2.4.1. Procedimentos de recolha de dados

A recolha de dado decorreu entre Março e Junho de 2012. Inicialmente foi feito um primeiro contacto telefónico aos casais para marcar a entrevista e onde já era explicado, de forma informal e breve, o estudo e o seu principal objectivo. As entrevistas foram sempre realizadas em locais e dias escolhidos pelos participantes, somente era pedido que as mesmas fossem realizadas num ambiente de maior confidencialidade e intimidade, para que se proporciona-se um ambiente natural, confortável e adequado, tal como a situação o exige. Cada entrevista era iniciada por uma breve explicação do projecto, o objectivo principal do estudo e como se iria processar a entrevista. Foi sempre ressaltada a confidencialidade de toda a informação recolhida e neste sentido foi ainda solicitado a cada um dos elementos do casal que assinasse um consentimento informado para participar no estudo (cf. Anexo 2).

As entrevistas semi-estruturadas que foram conduzidas, individualmente, junto a cada um dos elementos do casal. Apenas um dos casos foi possível realizar a entrevista no mesmo dia, sendo que os outros dois casais era pedido aos participantes que não partilhassem informações aos seus cônjuges, para desta forma se aceder às percepções de cada participante de forma independente. As entrevistas tiveram uma duração média de 1h.

2.4.2. Procedimentos de análise de dados

Numa primeira fase as entrevistas foram transcritas na integra e classificadas manualmente devido ao número reduzido de entrevistas.

Numa segunda fase, a análise de dados foi realizada, segundo a metodologia da *Grounded Theory*. Porque algumas questões de investigação já eram bastante exploradas na literatura, construiu-se uma grelha de análise a priori com recurso ao enquadramento teórico realizado na primeira parte deste estudo que permitisse uma exploração inicial dos dados (cf. Anexo 3). No entanto, devido à riqueza dos dados e também à abordagem de questões de investigação mais exploratórias, essa grelha foi

ampliada e modificada, culminando na produção de uma grelha final de resultados (cf. Anexo 4).

Capítulo 3

3. Resultados/Discussão

Apesar do processo de decisão, as motivações para a adoção e as preferências relativamente às características das crianças não fazerem parte das nossas questões de investigação, consideramos pertinente abordar estes três parâmetros uma vez que os participantes se referiram a eles de uma forma aprofundada e que podem ajudar a compreender o “cenário” de alguns desafios ou satisfações relativos à parentalidade adoptiva.

Relativamente ao processo de decisão, o três casais entrevistados foram unânimes referindo que foi uma decisão tomada entre casal: “(...) *foi só entre nós os dois! Foi algo entre nós os dois que foi completamente assumido e quando foi decidido, foi comunicado aos restantes membros da família.*”, “*Foi só entre nós. Eu sempre disse “Se não conseguirmos vamos adotar!” e ele sempre muito bem, e ele também queria ter um filho.*”. Esta realidade não corresponde ao encontrado na literatura, na medida em que no geral os pais quando tomam a decisão de adoptar precisam de justificar a sua decisão aos outros, algo que não acontece na parentalidade biológica. Na parentalidade biológica acontece precisamente o que foi mencionado pelos participantes deste estudo, ou seja, cada casal toma a sua decisão quando quer ter um filho.

Nos casais que participaram neste estudo, a principal motivação para a adoção foi a **infertilidade**, ou seja, um dos elementos do casal não podia conceber um filho pela via biológica: “*Eu é que tinha um problema comigo, que não era possível de alcançar esse objectivo de sermos pais.*”; “*O principal motivo foi o seguinte: ao fim de 3 anos de casada eu queria engravidar, tive um ano a tentar e não consegui.*”. Esta motivação é congruente com o analisado no enquadramento teórico, em que vários autores referem a infertilidade como principal motivo para a adoção. (Brodzinsky *et. al.*, 1995; Deacon, 1997; Ferreira *et. al.*, 2004, Salvaterra, 2007, Zhang & Lee, 2010). Perante esta impossibilidade e perante a motivação de quererem construir família, estes casais decidiram adoptar, tal como referido no estudo de Weber (1996) como sendo uma das principais motivações para a adoção. Apenas um dos casais não se insere neste dado uma vez que se trata de uma adoção internacional, e que assume outros contornos como explicado nos participantes. Para este casal a motivação foi por terem criado um vínculo com a criança e porque sempre quiseram adoptar: “*A hipótese de adoptar já andava na minha cabeça e do meu marido há uns anos, mas andava mas não como uma coisa muito pensada, nem com uma decisão tomada, era mais um interesse, um desejo como casal (...)*”.

No que diz respeito às **preferências relativamente às características da criança** não há coerência entre os casais. Um dos casais menciona que impôs até um ano de idade (*“A única restrição que nós impusemos era que a criança tinha que ter menos de um ano.”*), outro casal menciona a sua preferência até aos três anos de idade (*“A única coisa foi ser dos 0-3 anos. (...) E perfeitinha e com saúde!”*). Se por um lado os pais preferem crianças com menos idade para que estas não tenham memórias passadas (*“Eu sempre meti na cabeça, que uma criança adoptada se fosse mais velha aí teria outros receios, (...)! Eu sabia que até um ano a adaptação da criança, de um bebé não tem memórias é muito mais simples, (...)! Se fosse uma criança mais velha iria custar muito mais, ela já teria entendimentos, (...)”*), no entanto, surge coerência sobre esta preferência de idades que se prende com o facto dos pais quererem viver todas as fases de desenvolvimento das crianças: *“Havia aqui uma série de coisas que eram importantes para nós, (...). Eu gostava de vê-la a aprender a andar, os primeiros dentes, mesmo aquelas doenças, sentir como é que as coisas eram desde o início. As primeiras palavras, etc. Eram coisas que eu achava uma primeira descoberta deles em que começam a interagir, gostávamos de ter essa vivência com eles.”*. E neste aspecto todos os casais estão em concordância. Os dois casais que adoptaram pela via normal, não impuseram restrições quanto ao género e cor da criança. Estes dados verificam-se também nos estudos de Weber (1998), Ferreyra (1994) (cit. in. Weber, 1998) e Ferreira e Veríssimo 2008), como referido na revisão bibliografia realizada. Os dados encontrados com estes participantes vai de encontro ao estudo já citado de Ferreyra (1994) (cit. in. Weber, 1998), quando refere como principais razões para a escolha de crianças mais novas pelos pais que adoptam pelas seguintes razões: viverem todas as fases desenvolvimentais da criança; por receio em adoptar crianças mais velhas por estas trazerem memórias passadas traumatizantes, memórias e hábitos da família biológica. Este estudo espelha na perfeição os motivos também referidos pelos participantes do presente estudo, na medida em que estes referem querer passar pelas primeiras experiências da criança e com receio que esta venha com marcas da sua história passada. Mais uma vez o casal da adopção internacional não entra nesta variável devido às especificidades do seu processo, pelo que não colocaram as suas preferências.

3.1. Factores de desafio do processo de adopção

Depois de termos explorado as principais motivações e as preferências pelas características da criança, de seguida será dada ênfase ao processo de adopção vivido pelos pais, explorando os principais desafios e as satisfações relativos a este

período. Os desafios serão apresentados da seguinte forma: ideias prévias dos pais perante o processo de adoção e as vivências durante o processo de adoção.

Das entrevistas realizadas, podemos concluir que os desafios do processo de adoção dividem-se em duas fases: as **ideias prévias** que os pais têm e que se podem constituir desafios na medida em que podem constituir entraves ao desenrolar do processo nomeadamente ao nível emocional, criando assim sentimentos negativos por terem estas ideias pré-concebidas o que pode levar estes pais a não avançarem para um processo de adoção; e os **desafios que realmente vivem** durante o processo. Neste sentido, os pais mencionaram que tinham alguns receios prévios perante a adoção, relativamente ao funcionamento do processo: **tempo de espera** (“*Que o processo fosse muito longo*”); **a relação com os técnicos** (“*tinha alguns medos associados às técnicas que tivessem associadas a nós ou que nos fossem calhar, que fossem pessoas distantes, incompreensivas*”); **a intrusividade** (“*até a questão de vermos a nossa vida invadida, não é só nós, até as nossas famílias são um bocado invadidas no conhecimento de tudo: se os nossos irmãos têm filhos, se não têm; a parte económica da família. É um bocado nós, nós temos de nos expor um bocado a essa situação*”); e **a não concretização do processo** (“*Que o processo fosse muito longo, que não corresse positivamente o processo, que achassem que nós não tínhamos características para sermos pais adoptivos...uma série destas situações que poderiam acontecer e nós sermos excluídos do processo. (...) mas eu achava que inicialmente podia ser “Olhe, você não tem perfil, não têm direito a serem pais” era tremendo, aí ia ser bastante complicado*”). Nesta reflexão existe o medo da incapacidade enquanto pais, a não concretização a adoção e o poder dos técnicos. Estas ideias pré-concebidas pode mesmo levar estes pais a questionarem o seu direito a serem pais, tal como referido por Brodzinsky (1996) e que faz com que estes partam para um processo de adoção com um certo receio e que lhes poderá dificultar esta vivência. Estes receios não foram vividos pelo casal da adoção internacional, uma vez que não passaram por este processo.

Outro dos receios prévios mencionado pelos pais é relativamente às expectativas em relação à criança: **a sua história passada**: “*A gente não sabe de onde elas vêm, na altura a gente não sabe de nada. Não sabemos se é de pais alcoólicos, drogados, de famílias do pior...há muita criança traumatizada.*”, podemos considerar este receio como sendo muito específico da parentalidade adoptiva; **que tivesse problemas de saúde e/ou aprendizagem**: “*a nível de saúde tinha medo (que era uma coisa que eu tinha receio)*”, podemos ver estas expectativas e fantasias em relação à criança no estudo de Gomes (2009) quando refere que os participantes do seu estudo mencionam como uma das suas expectativas e fantasias relacionadas com

o problema de saúde. No presente estudo os participantes criam expectativas com a saúde e com a aprendizagem da criança; e a **adaptação desta**: *“Como é que a criança se vai adaptar, não se vai adaptar?! Com estes receios mais na perspectiva se iria ser fácil a integração dela na nossa casa, se ela se iria habituar, se iria comer, se iria dormir?! Que eu penso que é o normal...”*, também esta adaptação à criança pode ser vista no estudo citado anteriormente em que os pais criam expectativas em relação à adaptação da criança.

Estes receios vividos préviamente verificamos serem influenciados pela opinião de outros ou mesmo pelos média: *“A opinião que tinha antes era o que normalmente ou diariamente nos chega dos média, que é: há muitos entraves durante o processo, que colocam mesmo muitos obstáculos para que a criança seja adoptada, que em principio entregam crianças com muitas dificuldades em que os pais não vão conseguir adaptar-se à nova situação...”*, *“Havia uma senhora que dizia que ninguém devia adoptar, (...)! Portanto, se alguém abandonou uma criança é porque era má e essa criança era má também, mal daqueles que a fossem buscar! (...)um casal nosso amigo, que nos disseram que íamos fazer muito mal em adoptar porque eles só davam crianças para adoptar que tivessem deficiências gravíssimas,(...)!”*. Como verificado na revisão bibliografia, ainda existe um estigma em relação à adopção com que estes pais têm de lidar (Singer *et. al.*, 1985; Brodzinsky *et. al.*, 1995; Salvaterra & Verissimo, 2008) algo que é muito transmitido pelos órgãos de comunicação social, é sem dúvida um factor de influência que faz com que os pais tenham receios.

No entanto, os **desafios, reais**, vividos pelos pais foram: o tempo de espera, burocracia, falta de informação sobre a criança e a sua história, preparar a chegada da criança a nível económico, logístico e emocional, questionamento da auto-eficácia parental, a adaptação da criança e a adaptação à criança, desafios que passamos a descrever.

O **tempo de espera** torna-se o cerne dos desafios vividos pelos pais ao longo do processo de adopção. Todos os pais referem várias vezes ao longo do tempo o facto do processo de adopção ser muito longo. Um dos casais esperou quatro anos para ver o seu processo de adopção concluído: *“Estes foram os quatro anos que tivemos à espera, passados quatro anos de casamento é que demos inicio ao processo. Com tudo isto perdemos cerca de oito anos, (...). Viemos depois a saber que podíamos ter iniciado o processo bastante mais cedo (...) Teríamos abreviado aqui e ter concluído o processo um ano antes. Não foi isso que aconteceu, portanto fomos mal informados (...).”*, nesta reflexão do entrevistado podemos verificar alguma insatisfação perante os serviços de adopção, uma vez que foram mal informados e que no total esperaram oito anos. O outro casal esperou aproximadamente seis anos:

“O nosso processo de adopção decorreu durante cerca de seis anos.”. Este tempo de espera está associado a alguns sentimentos de ansiedade, desânimo e cria expectativas nos pais: “O tempo que se espera é realmente muito longo e pode criar alguma ansiedade.”, “ (...) estávamos um bocadinho desanimados pela demora do processo, isso é que foi pior...porque a idade ia passando e é frustrante os anos passarem e nós não termos a criança nos braços. (...) mas criamos sempre muitas expectativas!”. A questão da demora do processo é algo bastante aprofundado no enquadramento teórico realizado como sendo um período marcado por sentimentos de ansiedade, desamparo e depressão. Alguns estudos concluem que este tempo de espera é precepcionado pelos candidatos como difícil e marcado por preocupações (Palacios *et. al.*, 1996; Brodzinsky *et al.*, 1998).

A **burocracia** é algo específico e mencionado apenas pelo caso de adopção internacional, neste sentido, e devido às especificidades deste tipo de adopção este desafio é algo que ainda se mantém na parentalidade adoptiva, uma vez que o processo de adopção ainda não está finalizado: “Na parte da burocracia é tudo um desafio...nada está tratado, (...) nada está finalizado. (...), neste momento ela esta com visto temporário, isto é um desafio. (...)Mas há muita burocracia e sei que ainda vai haver muita mais. (...) Essa é a parte pior desse processo.”. Mais uma vez, e tal como o tempo de espera, a burocracia também é um factor que gera angústia e ansiedade, como é visível na expressão do participante.

Um dos casais refere a **falta de informação sobre a criança e a sua história** como um desafio: “O único contacto visual que tivemos com ela foi através de uma fotografia que nos tinha sido dada antes, ai houve um primeiro contacto visual da carinha dela.(...) Porque nós ainda perguntamos de onde é que eles eram e quê mas não disseram.(...) Porque elas nunca nos contaram.”, “A gente não sabe de onde elas vêm, na altura a gente não sabe de nada.”. Esta falta de informação pode aumentar o sentimento de ansiedade nos pais, estes podem pensar neste factor como um desafio futuro quando a criança, por exemplo, perguntar sobre a sua história e os pais não possuírem dados suficientes para lhes explicar.

Preparar a chegada da criança a nível económico, logístico e emocional, pode ser visto como um desafio vivido pelos pais: “Preparamo-nos a nível económico e emocional, falávamos imenso: “Como será?”, “Vamos ter de adaptar isto.”. A nível da casa o nosso quarto era num sítio e tivemos de mudar e falamos porque era distante do quarto da L. Foram momentos importantes de preparação para que no futuro as coisas não fossem drásticas.”. Podemos considerar este desafio comum à parentalidade biológica, uma vez que estes pais também se preparam a todos os níveis para receber o bebé. Este preparar a chegada da criança pode estar também

associado à chegada repentina da criança, ou seja, à transição para a parentalidade adoptiva, em que os pais têm de se preparar, com pouco tempo de antecedência para a chegada da criança: *“nós não tivemos nenhum período de adaptação nem a fomos ver lá ao sítio, fomos vê-la e ela veio directo para nossa casa. Durante aqueles dez dias foi preparar, comprar cama, roupa...o quê que nós íamos comprar se não sabíamos o tamanho da criança, que idade tinha, nada...não tínhamos nada em casa, tínhamos o espaço...não havia cama, não havia a cadeirinha do carro, tudo isto que era preciso para uma criança (...) porque estávamos a preparar uma chegada instantânea de um bebé, um bebé instantâneo.”*. Podemos já referir que, preparar a chegada da criança e esta transição repentina para a parentalidade adoptiva acarreta algumas emoções ambivalentes (*“Nervosa, andava bastante nervosa! Andávamos bastante nervosos! Mas felizes e ansiosos para a chegada dela!”*), se por um lado os pais estão entusiasmados pela chegada da criança e assim verem o seu desejo cumprido (*Mas foi fácil, o desejo de ter a criança era tanto que foi muito simples!”*), por outro cria alguma expectativa e ansiedade preparar a chegada da criança que não conhecem pessoalmente, de quem têm pouca informação e que não conhecem os seus gostos, as suas rotinas, etc..

Outro desafio vivido pelos pais no processo e adopção diz respeito ao questionamento da sua **auto-eficácia parental**, ou seja, estes pais colocam em causa as suas competências enquanto pais: *“Será que eu vou ser boa mãe?” Isso eu pensava muito, muito mesmo! Porque eu tive muitos anos sem filhos. “Será que eu vou ser boa mãe?” Eu às vezes até dizia ao meu marido “Eu não vou saber educar a criança!”.*, *“Claro, com alguns receios! Serei capaz, não serei capaz?! Claro, eu penso que toda a gente tem medos! Mesmo um pai biológico e uma mãe biológica têm medos! “Como vai ser a criança, como não vai ser. Estou à altura da criança, não estou.”*. Este desafio é vivido pelos pais que adoptam como é vivido na parentalidade adoptiva. Também esta última forma de parentalidade, ao longo da gestação coloca em causa as suas competências quando tiverem de exercer o seu papel parental.

Por último, os pais colocam alguma expectativa relativamente à adaptação da criança e a sua adaptação à criança, e isto pode ser visto como um desafio uma vez que pode criar alguns receios nos pais: *“Como é que a criança se vai adaptar, não se vai adaptar?! Com estes receios mais na perspectiva se iria ser fácil a integração dela na nossa casa, se ela se iria habituar, se iria comer, se iria dormir?! Que eu penso que é o normal...”*. Estas expectativas tornam-se normativas na medida em que a criança muda-se para um novo ambiente e tem de se adaptar a este, assim como os pais têm de alterar as suas rotinas e adaptarem-se à criança.

Um dos casais refere que a forma de ultrapassarem os possíveis desafios do processo de adopção foi através do envolvimento em actividades e projectos: *“Não só pelo trabalho aqui do colégio que é tão envolvente e nós tínhamos muitas actividades, muitas actividades fora do colégio ligadas às crianças e aos jovens, centro paroquial com jovens, etc.... acho que nunca colocamos toda a atenção neste processo.(...)Nós fomos conseguindo encontrar instrumentos e formas e maneiras de nos dedicarmos a projectos, a isto e aquilo, ao trabalho, fizemos viagens enquanto casal que nos libertou deste peso de viver esta questão!”, “(...) levamos uma vida normal e tudo vivido de maneira a aproveitarmos ao máximo estarmos um com o outro, aproveitamos ao máximo estar com a família, a dedicar-nos também aos outros, viajamos muito. Trabalhamos bastante, montamos um empresa durante aquele período (para além da escola) e envolvemo-nos numa série de coisas.”*. Com estes mecanismos de coping, os desafios inerente ao processo de adopção poderão ser ultrapassados da melhor forma.

Até aqui exploramos os principais resultados dos desafios do processo de adopção. Neste sentido vimos que existem desafios prévios (que podem ser influenciados por outros): Relação com os técnicos por considerarem que estes podem ser pessoas distantes, a falta de informação sobre a história passada da criança, o tempo de espera como sendo longo, o receio pela não concretização do processo e os problemas de desenvolvimento que a criança possa ter. Por outro lado analisamos os resultados referentes aos desafios reais vividos pelos pais no processo de adopção: o tempo de espera, a burocracia, a falta de informação sobre a criança e a sua história, a transição repentina para a parentalidade adoptiva, preparar a chegada da criança ao nível emocional, logístico e social, o auto-questionamento sobre a sua auto-eficácia parental e a adaptação da criança e a adaptação dos pais à criança. Como principais conclusões podemos referir que realmente a questão do tempo de espera é um desafio prévio que se traduz na prática. O resto das ideias prévias acerca da adopção não resultaram como sendo um desafio vivido no processo.

Neste sentido dos desafios vividos ao longo do processo podemos fazer ponte com a parentalidade biológica, ou seja, também estes pais preparam a chegada do seu filho, questionam-se sobre se serão capazes ou não de exercer o seu papel de pai e pensam se se vão adaptar à criança. Podemos concluir que existem factores de desafio específicos dos pais que passaram pelo processo de adopção, no entanto, existem factores de desafio que são comuns a ambas as formas de parentalidade.

3.2. Factores de satisfação do processo de adopção

Apesar da literatura realizada ter apontado para os vários desafios vividos ao longo do processo de adopção e ser mais parca ao mencionar as satisfações, nas entrevistas realizadas foi possível identificar alguns factores de satisfação relativamente ao processo de adopção.

Um dos entrevistados aponta o **funcionamento do processo** como uma satisfação, uma vez que a burocracia foi mais fácil do que estava à espera: *“Satisfações!? Em toda a burocracia”, “ (...)Mas estou muito satisfeito com todo o processo, tivemos muita sorte (...)”*. Neste sentido, podemos concluir que os pais ficam satisfeitos com o processo quando referem (*“tivemos muita sorte com os miúdos que vieram para nossa casa”*), ficando assim entusiasmados com as características da criança. Apesar de na literatura mencionarem que o processo é longo e complicado (Barastegui, 2007), para os participantes deste estudo isso não se traduz num desafio. Podemos colocar a hipótese que este longo e complicado processo tão mencionado na literatura começa a ganhar novos contornos e faz com que seja um motivo de satisfação para os casais que adoptam.

Dois dos casais participantes que passaram pelo processo de adopção mencionaram a satisfação relativamente aos **técnicos** que acompanharam os seus casos: *“...tivemos muita sorte! Encontramos uma equipa realmente muito interessante! Quer a psicóloga quer a assistente social forma sempre muito próximas e muito atentas! (...)”*. Este foi um factor de satisfação transversal a todos os casais. Sendo que os pais mencionaram que tinham alguns receios prévios em relação aos técnicos que poderiam acompanhar o seu processo de adopção, na realidade isso não se verificou. Alguns pais até salientam os importantes conselhos dados pelos técnicos: *“(...) avisaram-nos muito bem sobre alguns riscos que podíamos correr (de problemas que a criança pudesse ter, dificuldades de aprendizagem, por exemplo) e deram-nos dicas muito importantes mesmo sobre a fase de adaptação à criança! (...) Penso que foram dicas muito, muito importantes para que a adopção fosse bem sucedida! Acho que há determinadas dicas que são muito, muito importantes na adopção.”*. Visto que a um dos desafios prévios abordados anteriormente era o receio com os técnicos, na prática esta ideia pré-concebida não se manifestou, pelo contrário, é algo mencionado ao longo do discurso dos participantes como sendo uma das principais satisfações do processo. Também aqui podemos colocar a hipótese que os técnicos que acompanham estas famílias no seu processo poderem ter tido formação que tenha influenciado o seu modo de agir perante estes casais. Outra satisfação mencionada pelos casais entrevistados prende-se com o **funcionamento do casal**, ou seja, pela relação conjugal estabelecida (*“(...) levamos uma vida normal e tudo vivido*

de maneira a aproveitarmos ao máximo estarmos um com o outro, (...)”, (“(...) fizemos viagens enquanto casal que nos libertou deste peso de viver esta questão!”, “Penso que sim, penso que foi bem gerido por nós. O facto de falarmos muito e falarmos com sinceridade e de termos uma estabilidade emocional foi bem gerido, não estávamos muito ansiosos, nem preocupados nem nada. Fomos falando naturalmente.”). Por vezes, e como o processo pode gerar sentimentos negativos, os casais têm dificuldade no seu relacionamento e a sua comunicação pode ficar afectada, no entanto isso não se verificou nos participantes deste estudo, uma vez que referiram que foi um período que os aproximou mais.

Apesar de um casal ter mencionado como desafio o facto de não conhecer a história da criança, outro casal referiu precisamente o contrário, referindo como satisfação **conhecerem a história da criança**: “Nós sabíamos todo o processo dela, psicológico, a parte familiar...é fantástico, não tem nada de especial, é um processo quase que limpo dela. É limpo, completamente limpo”. O conhecimento da história da criança faz com que os pais possam adaptar determinados comportamentos ou atitudes de acordo com as características e história passada da criança. Outra satisfação apontada no processo de adopção prende-se com o facto dos casais poderem escolher as características da criança que vão adoptar: “(...) mas por outro lado havia aspectos positivos, como por exemplo: nós já sabíamos quem iríamos acolher”, porque no fundo estes pais puderam escolher algumas características da criança, sabiam que não era uma criança com limitações físicas, pois foi algo que não escolheram como característica da criança. No caso dos participantes colocaram como preferência por uma criança até um ano, estes pais já sabiam que iriam adoptar uma criança até esta idade. Apenas não têm conhecimento do sexo da criança e das suas características físicas, no entanto é dada a possibilidade dos candidatos escolherem entre várias características.

Outra satisfação que pode estar associada ao processo de adopção é o **apoio recebido pelos elementos da família**. Esta satisfação foi referida por todos os participantes: “A minha sogra foi a primeira a dizer, quando eu comecei a fazer o tratamento, (...). Ela disse-me logo “E. adopta! Não faças a inseminação, isso custa tanto” (...), “Acho que foi uma notícia muito bem recebida pela família! No fundo houve um envolvimento muito grande de toda a família quando souberam da história e quando notaram o que queríamos fazer. Sentimos um apoio muito grande de toda a família.”. No entanto, em alguns casos, os familiares mostraram alguns receios perante a adopção, não no não apoiar a decisão do casal, mas em colocar em causa se a adopção iria correr bem: “(...) mas, à medida que o tempo ia passando, as pessoas não verbalizavam muito essa situação (...) Mas nada do sentido acusatório, mais no

objectivo de alertar, como se também nós não tivéssemos essas coisas nas nossas cabeças e não tivéssemos discutido. Nunca entendemos que fosse assim algo provocador ou castrador.”. Tal como será discutido posteriormente, estes resultados não correspondem ao encontrado na bibliografia, que refere que a família dá menos apoio, reforça a importância dos laços de sangue e são desafiados com a legitimidade dos seus papéis de pais perante o filho adoptivo (Singer et. al., 1985; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003, cit. in Rocha, 2009).

Podemos observar que apesar de o processo de adopção ter desafios e estes estarem bastante desenvolvidos na literatura, com este estudo podemos enumerar satisfações relativamente a este processo, como sendo: o funcionamento do processo, a relação com os técnicos, a informação sobre a história da criança, escolher as características da criança, o funcionamento do casal e o apoio recebido pelos familiares. Nestas satisfações encontradas o que sobressai é a relação estabelecida com os técnicos e o apoio recebido pelos familiares. Visto que são factores que normalmente são apontados como desafios do processo.

3.3. Factores de desafio da parentalidade adoptiva

Depois de abordarmos os principais resultados dos desafios e satisfações associados ao processo de adopção, de seguida serão apresentados os dados relativamente aos desafios e satisfações associados a esta nova fase, ou seja, à parentalidade adoptiva.

O momento que marca a transição para a parentalidade adoptiva é a chegada da criança, no entanto, e devido à ambivalência de sentimentos presente no discurso dos participantes não podemos considerar como um desafio ou uma satisfação. Os participantes, por um lado, percebem este momento com uma grande felicidade e satisfação, por outro vivem-no com grande ansiedade (*“Nervosa, andava bastante nervosa! Andávamos bastante nervosos! Mas felizes e ansiosos para a chegada dela!”*), (*“Foi uma azáfama interessantíssima! Começamos logo a criar castelos na nossa cabeça, como é normal, as expectativas elevadas...”*). Os participantes começam a pensar como será a criança, se terá parecenças, se se vai adaptar, etc. O mesmo acontece com a parentalidade biológica, uma vez que os pais estão cerca de nove meses a imaginar o seu bebé, e também nesta forma de parentalidade a vinda da criança gera sentimentos ambivalentes. Podemos assim concluir que tanto os pais adoptivos como os pais biológicos têm de se adaptar à chegada da criança (Mijolla, 2002).

Apesar de este momento de espera até conhecerem a criança estar associado a sentimentos de ansiedade e expectativas, o momento de conhecer a criança é

mencionado pelos pais como um momento de grande alegria, emoção e sobretudo de satisfação pelo processo de adopção se ter concretizado e finalmente poderem ser pais: *“Foi uma sensação única. Não sei mesmo responder a mais nada porque foi um dia especial.”*. Por outro lado, este momento também pode trazer alguns receios, nomeadamente a responsabilidade que a criança vai trazer (*“Fiquei a pensar naquele momento não tive muita emoção. Penso que talvez por ser muito racional, e pensei mais racionalmente. Pensei, “Vem ali uma menina que me vai trazer muitas alegrias, mas que me vai dar muitas responsabilidades,(...) !”, pronto geri isso de uma forma muito racional! Naquele momento pesei, pesei muito.”*). Estes dados corroboram com o estudo de Ferreira, Pires e Salvaterra (2004), que refere este momento, desde a sinalização da criança até a irem buscar, como sendo vivido com muita alegria e comoção.

Inicialmente, um dos primeiros desafios com que os pais se podem deparar é com a **adaptação**, quer seja da criança ou mesmo dos pais à criança. No nosso estudo, apenas dois casais participantes mencionaram este desafio e por razões diferentes: um dos casais inicialmente deparou-se com alguns problemas de **adaptação mútua** (*“(…)Eu aos primeiros (…) até pensei em devolvê-la. Porque eu entrei em pânico mesmo (…). (…) Ela está-nos a experimentar, a ver até onde pode. E eu convenci-me disso mesmo.”*, *“(…)“A certa altura a minha esposa começou a ter alguns receios, pensava que como eu lidava melhor com a menina, que gostava mais da menina do que da minha esposa, isso até pôs em causa o casamento, (…) isto era um desafio para nós, uma criança é sempre um desafio, trás sempre dificuldades. Isto precisou tudo de uma adaptação...ela mudou de casa, de família, de escola...tínhamos de dar tempo ao tempo! (…)”*). Tanto os pais como as crianças, nesta fase inicial, passam por um período de adaptação (Levy-Shiff *et. al.*, 1991; Brodzinsky *et al.*, 1998; Ferreira *et. al.*, 2004; Farber *et al.*, 2003; Brandão, 2006). Esta mudança é algo brutal para ambas as partes, no entanto, a criança tem de se adaptar a uma realidade completamente diferente. Neste sentido, as famílias adoptivas estão mais vulneráveis a reacções por parte da criança, que se reflecte no comportamento desta (Magán & Tarazona, 2007). Também nesta fase, os pais podem colocar em causa as suas competências como pais (Brandão, 2006). Podemos considerar este factor como desafio transversal à parentalidade adoptiva ou biológica, pois acontece por vezes na parentalidade biológica os pais deparam-se com algumas dificuldades de adaptação.

No caso dos participantes que adoptaram a criança através de uma adopção internacional, os desafios perante a adaptação da criança e destes à criança prendeu-se com aspectos muito específicos deste tipo de adopção, por um lado a adaptação da criança em termos **culturais** e por outro a **adaptação dos pais à criança** (*“Mas a*

verdade é que comecei a pensar e a perceber que a relação não se institui no primeiro dia, no primeiro momento. E lembrei-me que quando a I. nasceu, (...) quando nasce uma criança sentimos aquele amor absoluto e é verdade, um amor muito grande. É absoluto mas ao mesmo tempo é relativo porque o amor também se foi construindo com a I.! (...) Depois existia o medo do contrário, que ela não gostasse de nós. Que não se sentisse bem conosco, medo de sermos rejeitados por ela, de não correspondermos a umas eventuais expectativas dela. (...) E isto mais a diferença cultural, quer dizer, ela tem que estar agora numa família onde se tem que comportar de uma determinada maneira, socialmente também, na escola”).

Ainda neste caso, o pai teve um desafio adicional, na medida em que a criança vinha de uma **religião** em que as crenças que lhes foram transmitidas não contemplavam a interacção com o sexo masculino (“*E para mim pessoalmente como pai e como homem, foi um desafio maior porque ela vem de uma religião muçulmana, onde não havia contacto com os homens. Foi muito difícil, já não é tanto mas era muito difícil! (...)*”). Neste sentido, o pai sentiu mais dificuldade na **criação do vínculo** devido a esta questão religiosa (*Sendo persistente! Sendo muito persistente e mantendo conforme mantenho agora, muitas vezes não quer um beijo, ok...apesar de eu saber que do outro lado está alguém que me quer dar um beijo mas há ali uma barreira criada, que não é a minha barreira, é a barreira dela!*). Neste caso, e devido às especificidades da adopção internacional, existiram desafios adicionais. Podemos concluir que as adopções internacionais muitas vezes acarretam consigo desafios de ordem cultural, (Zhang e Lee, 2010).

Um dos primeiros desafios com que os pais se deparam diz respeito à **alteração de rotinas** (“*Claro que implicou da nossa parte uma reestruturação de hábitos, como é lógico! (...), deixar muitas das coisas que fazíamos.(...) Quando ela viesse, isto corta-se, aquilo corta-se, hábitos, coisas que fazíamos, conjunto de coisas que fazíamos, para nos dedicarmos aos filhos, foi a nossa opção. (...)*”), “*Mas a nível familiar durante um período tivemos de nos habituar que tínhamos outra pessoa no quarto (...)* As rotinas de sono alteram-se imenso, nós dormimos muito pouco durante a noite”). A mudança de rotinas e a alteração da dinâmica familiar são as primeiras alterações sentidas (Ferreira *et. al.*, 2004; Magán & Tarazona, 2007). Um dos participantes do estudo menciona mesmo as alterações ao nível do sono, ao habituar-se a ter outra pessoa no quarto, ou até mesmo a tentar não trabalhar em casa para poder dedicar mais tempo à criança. Neste sentido os pais mencionaram que também mudaram os seus interesses a favor dos interesses das crianças (“*Por exemplo, actividades de lazer já tenho de conjugar com os interesses da M.. Estava num curso de formação, interrompi e entretanto não recomecei porque queria estar com a M. à*

noite, (...). Na questão do lazer, escolho tudo em função da M..”), no entanto, os pais referem isto como algo normal e que aconteceria mesmo se a criança não fosse adoptada: *“Muitas mudanças porque...não é pelo facto de ser adoptada que mudou a minha vida, se fosse um filho biológico trazia essas mudanças.”*. como podemos ver pelo discurso deste participante, nas alterações de rotinas e dos interesses, é algo comum com as famílias biológicas. Também esta forma de parentalidade os pais abdicam dos seus gostos e interesses e a sua rotina diária muda devido ao nascimento de um filho.

Podemos considerar que um dos maiores desafios vividos pelos pais, e que estes mencionaram várias vezes como sendo a sua principal preocupação, diz respeito ao **desenvolvimento saudável e integral da criança**. Neste factor, podemos considerar como relevante o desenvolvimento **ao nível físico, psicológico, emocional e social**. Incluem-se questões como a saúde, alimentação e a formação académica. A maior parte dos pais menciona sobretudo a preocupação com a **formação académica**: *“A minha preocupação é que ela siga os estudos e que seja gente grande! É isso. Eu ver a minha filha com uma boa carreira.”*; A nível de **desenvolvimento emocional**, os participantes referem que querem o melhor para os seus filhos *“Mas a minha relação com ela, sinto sempre o peso da responsabilidade, quero que ela seja uma pessoa feliz! Tento sempre fazer tudo para ela ser feliz!”*). No entanto, e devido às especificidades da adopção internacional, estes participantes deparam-se com mais desafios a este nível, **dificuldades de aprendizagem** *“Outro desafio são as dificuldades de aprendizagem dela (...)”*), **a dificuldade de estar em termos sociais** *“(...) e as dificuldades de estar socialmente.”*), **outro desafio prende-se com os problemas de saúde da criança** *“(...) Outro desafio tem a ver com os problemas de saúde dela (...)”*), os pais também se deparam com **desafios de ordem emocional**, ou seja, de ajudar a criança a lidar com alguns sentimentos mais negativos *“Mas o desafio maior não é acompanhá-la, é ajudá-la a lidar com a frustração (...) E tem ali muitas carências afetivas também.”*. Portanto, estas dificuldades tornam-se um desafio na medida em que a criança como veio de outra cultura tem falta de alguns pré-requisitos essenciais para se inserir nesta nova sociedade. Estes pais têm um desafio adicional devido a estas circunstâncias e precisam por isso de realizar um acompanhamento diário para que a criança se desenvolva dentro das duas dificuldades. Apesar dos pais se depararem com estes desafios, estes justificam dizendo que são desafios que qualquer pai ou mãe passa com filhos adoptivos ou biológicos *“Claro que traz muitos problemas como um filho biológico. Temos medos e preocupações, como teríamos com um filho biológico.”*). podemos assim concluir que apesar de viverem estes desafios, estes são desafios que

também são vividos pelos pais que têm filhos biológicos, uma vez que também estes se preocupam com o desenvolvimento saudável e integral da criança. A única diferença que poderá haver entre famílias biológicas e adoptivas relativamente a este factor de desafio, prende-se com o facto das crianças que foram adoptadas terem sido privadas de determinadas condições nos primeiros meses ou anos de vida

Para além de se preocuparem com o desenvolvimento saudável da criança, os pais deparam-se com o desafio de **educar a criança**. Esta educação da criança passa pelo estabelecimento de **regras** (*“Claro que por questões de educação dizemos o que pode ou não fazer.”*) e a transmissão de **valores** (*“Estamos nesta fase de lhe passar bastante responsabilidade, organização, o trabalho, o respeitar os colegas...estamos nesta fase assim, é um desafio grande. (...) A parte relacional é importantíssima mas não pode ser abandonada da parte emocional.”*). Na transmissão de regras e valores, podemos mencionar o estudo de Palacios e Sánchez (1996) que conclui que a maior parte dos pais adoptivos considera importante o estabelecimento de regras. Esta transmissão de regras e valores é algo comum com a parentalidade biológica. No entanto, não existe consenso relativamente aos estilos parentais praticados, uma vez que alguns estudos dizem que não existem diferenças significativas entre pais biológicos e adoptivos, por outro lado outros estudos referem que os pais adoptivos são mais permissivos (Palacios & Sánchez, 1996; Ferreira, 2008). Apesar destes estudos, apercebemo-nos ao longo do discurso dos participantes do nosso estudo que é importante o estabelecimento de regras e a transmissão de valores. Associado a este desafio da parentalidade podemos referir outro desafio mencionado pelos pais e que foi abordado no enquadramento teórico deste estudo, ou seja, o **receio de não conseguir moldar a criança às suas próprias características** (Brodzinsky *et al.*, 1998; Farber *et al.*, 2003; Brandão, 2006): *“É a criança que ela quer (...), vamos tentando moldar a questão do comportamento e da educação. Mas isto é o nosso papel de pai, temos de o fazer! E sabemos que ela tem a personalidade dela e claro que vamos tentando moldar para que ela seja cada vez melhor.”*. Este também pode ser visto como um desafio da parentalidade biológica, uma vez que nem sempre os pais conseguem que os seus filhos agam de acordo com as regras e valores transmitidos.

Os participantes deste estudo também referiram como desafio **gerir a estabilidade familiar**: por um lado os pais que têm mais que dois filhos precisam de gerir esta relação entre fratrias: *“(...) mas também é natural os ciumes da A. porque a A. também tem ciumes dela. (...) Mas é aquela preocupação que nós temos, que eu não quero que a A. sinta que é diferente para com ela por causa da irmã ser filha biológica e ela não.”*. A estabilidade familiar passa também pela **estabilidade**

económica (“*penso que não posso deixar de ter condições para lhe dar uma boa formação, lhe dar o que for necessário para vingar no mercado de trabalho,(...)*”). Estes e outros desafios de estabilidade familiar podem também ser associados à parentalidade biológica, uma vez que também esta forma de ser pai e mãe tem as suas preocupações para gerir a estabilidade familiar. A estabilidade económica e gerir a relação entre fratrias são desafios que as famílias biológicas também se deparam.

Um desafio específico da parentalidade adoptiva prende-se com o facto dos pais **ajudarem a criança a lidar com a sua situação de adopção**. Associado a este desafio podemos incluir o desafio que os pais têm para ajudar a criança a **gerir a sua história passada** (“*Qual o medo dela? (...) “se a senhora (ela diz assim!) que me trazia na barriga, me deixou no hospital, ela não gostava de mim?”*. O não amor também é uma das preocupações para nós. (...)A última dela: “*Tenho curiosidade na cara da outra senhora!*”). Neste sentido, consideramos relevante referir um desafio que é antecipado pelos pais ligado a esta questão de ajudarem seus filhos a gerirem a sua situação de adopção, ou seja, o **medo que os pais têm de perderem a criança por esta querer procurar as suas origens** e como vão conseguir gerir isto, este receio está muito associado à fase da adolescência (período de desenvolvimento que acarreta mudanças significativas no jovem): (“*sobretudo na fase da adolescência (...), se isto não vai ser para ela um problema. E isto é o meu principal receio (...), se eu vou estar à altura e se vou ser capaz, se nós enquanto casal vamos conseguir gerir isto. Eu já fui avisando a C., um dia qualquer pode ser que ela nos diga, “não gosto de vocês vou-me embora.”, isto pode acontecer. Eu já fui dizendo à C., “não te enerves, não te zanges...” ao dizer-lhe isto se calhar estou a preparar-me também a mim psicologicamente. Se às vezes eles nos disserem isso nós temos de conseguir gerir, com calma...mas para mim é o principal obstáculo.*”, “*Tenho! Tenho medo! A L. é uma criança (...), mas às vezes surpreende-nos! (...) é assim, sei lá, uma espécie de uma adolescente a falar! Sei lá, um dia que ela meta na cabeça, faz as malas e vai à procura, imagina! Tenho medo, claro! (...)*”). Este medo de abandono por parte da criança quando esta for jovem ou jovem-adulto é algo também encontrado na literatura como sendo um desafio com que os pais adoptivos se deparam (Soares, 2009). Apesar dos pais terem de lidar com este desafio estão cientes que os seus filhos os consideram como pais verdadeiros e que lhes estão ligados para sempre, os pais mencionam alguns receios, mesmo tendo a percepção que são irracionais (“*Às vezes também me passa pela cabeça o medo de que quando ela for adulta, será que ela sente por mim o mesmo que sinto por ela? Às vezes penso que se não sentir, que no futuro me pode virar as costas (...) isto é um medo completamente irracional, e tenho consciência disto (...) mas a realidade é que o sinto! (...)* O medo que ela não goste de

mim e que um dia me vire as costas e que diga que não sou a mãe dela.”). Um receio de perda da criança específico dos participantes que adoptaram uma criança pela via internacional, diz respeito aos entraves relacionados com a burocracia (“(...) medo é que haja alguma entrave à legalização do processo de adopção. Se bem que à partida não há, mas pronto é o medo de perder!”). Estes receios mencionados pelos participantes do estudo vão de acordo a questões levantadas no estudo de Soares (2009), ou seja, como lidar com a curiosidade da criança relativamente à adopção, ajudar a criança a lidar com os sentimentos de perda e como lidar com a possível procura por parte do jovem/jovem-adulto querer procurar a sua família de origem.

Tal como referido pela revisão bibliográfica realizada, um dos desafios da adopção é lidar com o ainda **estigma** associado a esta (Singer *et. al.*, 1985; Brodzinsky *et. al.*, 1995;). Este estigma permanece ainda quando a criança é adoptada, e os pais sentem necessidade que os seus filhos sejam aceites na família e socialmente (Salvaterra & Verissimo, 2008; Salvaterra *et. al.*, 2004; Brandão, 2006). Também os participantes do estudo referiram sentir este estigma por parte de outros (“(...)acho que ainda há preconceito! (...) Às vezes fico com a sensação que algumas pessoas acham que só por um filho ser biológico e outro adoptado (...) mas acham (...), um filho biológico as pessoas gostam mais que um filho adoptado, às vezes fico com essa sensação. (...) Há outros momentos que percebo...por exemplo, alguém fica grávida, e às vezes têm dificuldade em comunicar! Acho que as pessoas têm alguns preconceitos!”), por outro lado os pais sentem que são constantemente abordados por este assunto (“Estou sempre a ouvir as pessoas a dizer que fomos muito corajosos, não sabem como é que fomos dar este passo, que foi de uma generosidade muito grande. As pessoas dizem isto o tempo todo, (...) Faz-me confusão as pessoas a repetir isto (...) E depois o facto da A. ser negra ainda faz sobressair mais. Eu vou a qualquer lado e digo que é a minha filha e as pessoas perguntam logo “É adoptada, não é?”, é automático, não da para passar despercebido. Incomoda-me que estejam sempre a perguntar! Incomoda-me porque (pausa, suspiro) não sei...porque eu não estou sempre a pensar nisso! Isso para mim está arrumado! E estarem sempre a perguntar é como termos um destaque que eu não queria ter, incomoda-me nessa perspectiva.”). Apesar dos participantes terem mencionado que lidam naturalmente com este estigma e que tentam fazer entender aos outros que são uma família normal e que a adopção é algo normativo, no fundo este olhar diferente e esta intrusividade não deixa de ser indiferente para estes pais, ou seja, não deixa de causar algum desconforto e sentimento de discriminação.

No entanto não só os pais passam por este estigma, também as crianças adoptadas são alvo de comentários, sobretudo vindos dos seus colegas (“Às vezes

*entre os coleguinhas, ela vem com um discurso “O A. Diz que eu não sou filha da minha mãe.” (...) há colegas que trazem isso para a conversa deles, e isso a magoa um bocadinho, notamos isso.”), isto faz com que os pais tenham um desafio adicional relacionado com o estigma, isto é, precisam de **ajudar a criança a lidar com o estigma** (“Muitas vezes tentamos protegê-la porque a certa altura os miúdos são cruéis e não entendem muito bem estas situações. Nós dizemos-lhe: “L., falas com o papá, com a mama, às vezes os teus colegas podem não entender!”(...).”).*

No que diz respeito aos participantes que adoptaram uma criança pela via internacional, ao longo dos desafios descritos anteriormente podemos observar que alguns são específicos para estes participantes porque se trata de uma adopção internacional que assume outros contornos. Neste sentido estes pais deparam-se com desafios diferentes dos outros participantes devido às especificidades da sua situação: por um lado **ajudar a criança a lidar com as suas características físicas** (“(...) e está sempre a dizer que quer ser branca como nós, quer ter o cabelo liso como nós, queria ser igual a nós...”), por outro, estes pais têm o desafio de **ajudar a criança a lidar com o estigma da cor** (“Ajuda-la a lidar com algumas verbalizações de algumas crianças na escola que dizem que ela é negra (...).”). Outro desafio mencionado apenas por estes participantes diz respeito ao viverem períodos de desenvolvimento que só estavam à espera de viver daqui a alguns anos. Como o casal já tinha uma filha biológica, a vinda desta criança mais velha, que a sua filha biológica, faz com que os pais tenham de viver uma entrada na adolescência num período da sua vida que não estavam a pensar viver. Referem-se sobretudo a mudanças físicas na criança (“(...) uma vez que ela já tem um corpo mais crescido, no início eu sentia-me estranha a abraçar uma menina mais desenvolvida do ponto de vista físico. (...) e eu estou a ver uma pré adolescência, assim de repente! E eu não estava preparada para isto (...).”).

3.4. Factores de satisfação da parentalidade adoptiva

Anteriormente foram analisados os principais desafios da parentalidade adoptiva. Podemos concluir que os pais adoptivos, no geral, passam por desafios que podem também ser associados aos pais biológicos, por exemplo, a preocupação com o desenvolvimento saudável da criança ou o assegurar da estabilidade familiar.

Apesar dos participantes enumerarem desafios com que lidam no seu dia-a-dia, estes sentem-se plenamente satisfeitos e realizados com a sua decisão e situação actual. Neste sentido, passamos a apresentar os principais resultados que dizem respeito às satisfações vividas pelos participantes do estudo.

Apesar de anteriormente se ter referido que dois dos casais participantes colocaram como desafio a **adaptação inicial da criança**, o outro casal participante

refere que este foi um factor de satisfação (“(...) *não chorou nem nada, aquela era como se fosse a casa dela, não chorou mais! Não chorou! A adaptação foi instantânea! Foi uma coisa instantânea, foi impressionante! (...) mas aquela casa era como se fosse a casa dela sempre...*”). Torna-se interessante reflectir sobre este dado, ou seja, a adaptação inicial é um desafio que é variável e que não é comum a todas as famílias. São vários os factores que podemos ter em conta para explicar isto, neste caso pode ser explicado esta adaptação inicial como sendo uma satisfação uma vez que a criança tinha apenas 9 meses quando foi adoptada e portanto a adaptação pode ser mais fácil nestes casos.

No seguimento desta ideia, os participantes mencionam a **integração da criança** como um factor de satisfação (“*Sente-se muito bem! Ela trata a avozinha muito bem, (...) . Ela sente-se bem, ela adora os primos, dá-se muito bem com as tias! Eu acho que ela se sente muito bem!*”). Podemos concluir ao longo dos discursos dos participantes que as crianças estão completamente integradas na família alargada e mesmo a nível social (“(...) *têm a vantagem de criar as suas amigas com as vizinhas*”). Ao verem as suas filhas integradas a nível de família alargada e socialmente, é um factor de satisfação para os pais uma vez que sentem que a sua família é igual às outras (“*No nosso grupo de amigos, (...), têm exactamente as mesmas preocupações que os outros, os mesmo desejos que os outros...(...)*”).

O **desenvolvimento da criança** também é uma satisfação mencionada pelos participantes: “*A principal satisfação é vê-los crescer bem, com saúde. (...) é vê-los crescer saudáveis a nível físico mas também a nível psicológico!*”. Como qualquer pai ou mãe, quer sejam biológicos ou não, querem ver os seus filhos desenvolverem-se saudavelmente a todos os níveis.

Os participantes mencionam estarem satisfeitos com a sua **vida e dinâmica familiar** (“*Então, a gente tem uma criança, chega a casa tem que falar e explicar trabalhos de casa. Brincar, brincadeiras espetaculares. É lindo, lindo! (...) A gente tem que aproveitar ao máximo.*”, “*A nossa vida é em função deles, gravita em torno deles. (...) A afectividade era o que nos faltava neste puzzle, completa-nos a nível de relação, de família.*”, “*Mas acho que é muito positivo! Aquele barulho em casa, aquele frenezim todo! Comida para aqui, comida para acolá! É o frenezim diário! Está a ser plenamente preenchido! Os momentos de os ver brincar, (...) de brincarem conosco! Tem sido altamente compensador!*”).

Podemos também mencionar as **características das crianças** como sendo uma satisfação (“(...) *e ela é uma miúda adorável! Ela é muito meiguinha, muito beijoqueira, gosta de miminhos e expressa-se com muita transparência, que é uma coisa que a ajudou muito na adopção.*”, “*Tem uma força, tem uma energia, é muito*

forte ela, tem uma personalidade muito forte! É espertíssima!, *“Também é mais calma, até mais do que eu, porque não é tão emotiva como eu, e isso é um bom contra ponto, completamo-nos também! Eu acho que ela tem várias características positivas, ou então sou eu (risos) que só vejo coisas positivas!”*). Particularizando as características da criança percebemos que é particular factor de satisfação quando a criança tem **características físicas, psicologias, gostos e interesses que se aproximam dos pais**: *“Quase tudo, de gestos... Ela cruza a perna como eu, ajeita a roupa como eu ajeito, vejo isso perfeitamente nela. Põe posturas de senhorita porque me imita e aquilo já faz parte dela. Acho que ela já (eu sou uma pessoa muito emotiva, e falo muito de emoções) e acho que ela começa a fazer isto. Eu sei que é um bocadinho por copiar, mas sabe as coisas que eu gosto de comer, por exemplo, e também quer comer daquelas coisas, ou seja também é uma forma de imitar. Gostos, interesses... A música, como ela também não conhecia muitos tipos de música ela ouve a música que eu ouço e ela também gosta! Nas mais pequenas coisas, quer no modo como fala, como tenta expressar, como conta coisas do dia-a-dia, faz análises”*.

Apesar de na literatura estar desenvolvido o **momento da revelação** à criança sobre a adopção como sendo um momento que pode criar alguma ansiedade, alguns estudos referem que os pais conseguem ter uma boa comunicação com os seus filhos sobre a adopção (Palacios & Sánchez, 1996; Salvaterra & Veríssimo, 2008; Soares, 2009; Ferreira, 2010; Huber & Siqueira, 2010; Brodzinsky, 2011). Os participantes da amostra mencionaram que os seus filhos sabem da sua situação de adopção e que falam abertamente sobre o tema (*“Sabe, sabe perfeitamente! Ela fala do sitio onde foi acolhida (...) sabe que nasceu da barriga de outra mãe, (...) sabe que tem irmãos (...) aliás, nós nunca mentimos à M., (...)”*). Dois dos casais participantes da amostra as suas filhas sabem da sua situação de adopção (incluindo a adopção internacional), o outro casal, como a criança era bebé quando foi adoptada os pais explicam a sua situação de acordo com o seu nível de desenvolvimento (*“(...) a educadora aqui no colégio estava grávida. (...) e perguntou “Mama, eu também estive na tua barriga?”. (...) E eu disse que não, “A mama tinha um dói-dói na barriga não podia ter bebés lá dentro. Então a mama e o papa foram a uma casa onde tinha meninos lindos e escolhemos a mais bonita! Nós podemos escolher L., os outros papás não podem escolher os bebés que põem na barriga!” (...).”*). Esta estratégia utilizada vai de encontro ao mencionado na literatura, ou seja, a explicação da adopção de acordo com a faixa-etária. Neste caso e como a criança se encontra na idade pré-escolar consegue perceber que nasceu de outra barriga e não daqueles pais, apesar de não conseguir distinguir um filho biológico de um adoptivo (Salvaterra & Veríssimo 2008; Brandão, 2006; Brodzinsky, 2011).

Numa lógica de provas de satisfação implícitas no discurso dos sujeitos, podemos concluir que quando **outras pessoas** comparam a criança aos pais, apontando semelhanças entre pais e filhos, isto pode ser visto como um motivo de orgulho e satisfação: *“As pessoas mais próximas “olha o teu filho está aqui”, “sai mesmo ao pai” em hábitos e feições!”, “Muita gente pensa que ela é nossa filha mesmo. Porque dizem mesmo, ela tem tantas parecenças com vocês que nunca imaginei. Ainda estes dias, uma disse “Ai, a tua filha é tão parecida!”. E estava uma ao lado que já sabia que ela era adotada. E diz ela “Oh E., ela não é adoptada?”. E a senhora ficou a olhar e disse “É adoptada?”. E eu disse “É!”. Diz ela “Não parece nada, ela parece mesmo tua filha, é tão parecida que nunca pensei que fosse adoptada. E eu disse “Por acaso é!”.”.*

Como prova de satisfação evidente no discurso dos sujeitos podemos concluir o seu **sentimento de realização plena** com a adopção quando referem *“(…), agora está lindamente, eu adoro a minha filha! A minha filha para mim é tudo! Adoro a minha filha! E acho que somos uma família muito feliz!”, “(…), ainda bem que isto me aconteceu,(…)! Não tinha estas duas pessoas que considero fantásticas! (...) E que são a minha vida! Não tem sentido pensar noutra pessoa no lugar deles, não tem! (...) Mas, houve um ou outro momento em que já disse isto: se tivesse que morrer pela minha filha eu morria?! Morria! É claro que sim! Se isto é ser mãe, mesmo biologicamente, morria!? Eu também morria!(…)”*, podemos concluir com o discurso destes dois participantes a satisfação plena com a adopção. Este sentimento de realização plena também passa pela satisfação com o seu papel parental: *“Uma perspectiva egoísta, o meu, o eu, sinto-me realizado enquanto pai porque tenho ali dois seres que dependem de mim e que espero de mim tudo e eu tento dar-lhes tudo! (...) A realização como pai, é como eu dizia à bocado: “o quê que nós fazíamos quando não os tínhamos?”.* Podemos ainda enfatizar as satisfações com a adopção quando os participantes referem que **voltariam a repetir** tudo ou **aconselham a outros a adopção** *“(…)voltava a fazer tudo outra vez (...)”, “Eu digo a todos... Ainda há uns dias tive aqui uma conversa com uma colega que tem uma filha biológica e disse “Não sei...” e eu fui o primeiro a dizer para não ter receio absolutamente nenhum,(...) acho que a convenci um bocadinho a percorrer este caminho.”.*

3.5. Apoio da família alargada

Respondendo agora à última questão de investigação a que este estudo se propõem, de seguida serão apresentados os principais resultados relativamente à percepção dos participantes quando ao apoio recebido pela família alargada.

Apesar de anteriormente termos referido que os participantes ainda sentem estigma por parte de outros e que os seus filhos são igualmente alvo de estigma, no que toca à família, no geral, os participantes referem que esta acolheu bastante bem a sua decisão de adoptar “*A família disse (...) e eles ficaram contentes, se esta era a nossa decisão estava tudo bem, não houve nenhum entrave, nenhum problema.*”. Quando a adopção se efectivou, este apoio sentido ainda no processo foi algo que se traspôs para a chegada da criança (“*Então, naqueles dez dias toda a família se organizou: “Olha C. Precisas disto, vamos fazer aquilo, ...”. (...) Veio toda a gente vê-la*”). Este apoio traduz-se no dia-a-dia das famílias, por exemplo no **apoio instrumental** (“*A minha mãe dá imenso apoio quando nós nao podemos estar com eles, o meu irmão, quando nós saímos tarde aqui do colégio ele leva a L. para casa...portanto, há um apoio muito grande.*”). Este apoio sentido pelos participantes torna-se crucial para que se sintam satisfeitos e acolhidos com a sua decisão. A família constitui-se como um apoio indispensável no desenvolvimento integral do sujeito, é sem dúvida a base para a promoção do bem-estar global do individuo.

No entanto, podemos também encontrar reacções de **não apoio** quando um dos casais participantes refere que existem alguns elementos da família que não aceitam a criança. Num dos casos os sujeitos referem que um dos elementos da família não aceita a criança por esta ser adoptada (“*(...) não gosta mesmo da minha filha e eu acho que é por ela ser adoptada! Mas nunca tinha se tinha pronunciado sobre o assunto mas agora que eu adoptei ela não gosta mesmo! (...) não quer lidar com ela, não quer lidar com a minha filha!*”), por outro lado, o outro elemento da família não aceita a criança porque associa a chegada da criança ao facto dos pais terem saído da casa onde viviam com este familiar (“*Quando a adopção se efectivou nós fomos para a casa nova. (...) eu acho que ela culpa a menina por causa do nosso afastamento. Eu acho que ela não tem nada contra a menina por ela ser adoptada, penso eu! É pelo facto de por causa da menina nos termos afastado (fisicamente) dela!*”).

4. Conclusão

O principal objectivo deste estudo era aprofundar quais os desafios e as satisfações sentidas pelos pais na parentalidade adoptiva, no entanto, quisemos também ver quais os desafios e satisfações inerentes ao processo de adopção, algo que poderá influenciar a parentalidade adoptiva. Como já mencionado várias vezes ao longo deste projecto, as famílias biológicas têm tanto de comum como de diferente. Visto que na literatura isto está mencionado e o mesmo se confirmou no discurso dos participantes deste estudo, na classificação à posteriori olhamos para os desafios e satisfações tendo em conta os que podiam ser comuns a estas duas formas de parentalidade.

Iniciando esta conclusão final sobre os desafios e satisfações vividas no processo de adopção, a este respeito o presente estudo corroborou em alguns aspectos mencionados na literatura, e não confirmou outros que estaríamos à espera por serem transversais na literatura, no entanto isto diz respeito somente aos desafios do processo. Na literatura, o principal desafio mencionado é a infertilidade, algo que não se traduz nos participantes do nosso estudo. Também na literatura mencionam como desafios o longo e complicado processo marcado por várias avaliações e trâmites jurídicos, (McDonald *et. al.*, 2001; Ferreira *et. al.*, 2004; Berástegui, 2007), algo que não corresponde aos resultados do presente estudo, à excepção dos participantes que adoptaram uma criança pela via internacional que referem a burocracia como algo moroso. Com isto podemos colocar a hipótese que o processo de adopção começa a ganhar outros contornos neste aspecto. No entanto, o tempo de espera inerente ao processo, é algo sobejamente mencionado na literatura e traduz-se também na vivência desafiante para os participantes deste estudo, como gerando sentimentos de ansiedade e desânimo nos indivíduos. Também outros factores de desafio são congruentes com o que foi encontrado na literatura, como seja, a preparação da chegada da criança e a transição repentina para a parentalidade adoptiva (Levy-Shiff *et. al.*, 1991; Brodzinsky *et al.*, 1998; Ferreira *et. al.*, 2004; Farber *et al.*, 2003; Brandão, 2006).

Relativamente aos factores de satisfação associados ao processo de adopção, na revisão bibliográfica efectuada não foram encontrados grandes dados relativamente a esta questão. Este estudo torna-se pertinente uma vez que foram explicitados resultados relativamente às satisfações associadas ao processo e adopção, nomeadamente no que respeita ao funcionamento do processo e sobretudo à relação de proximidade estabelecida com os técnicos. Estes dados, reforçam a hipótese acima levantada de o processo de adopção começa a ser percebido pelos pais que

adoptam como não tão desafiantes/ cheio de obstáculos, assim, mais uma vez podemos colocar a hipótese que o processo tenha evoluído neste sentido.

Outra conclusão importante é a de que existem ideias prévias no que diz respeito à adopção, nomeadamente por influência de outros ou dos média, que influenciam a vivência inicial do processo, mas que não se traduzem nos desafios realmente vividos pelos participantes, uma vez que estes conseguem enumerar várias satisfações relativamente ao processo de adopção.

Na parentalidade adoptiva, foram várias as semelhanças encontradas entre os resultados deste estudo e o encontrado na bibliografia, como sendo: a transição repentina para a parentalidade adoptiva, a adaptação mútua inicial, a criação do vínculo, moldar a criança às suas características, o desenvolvimento saudável e integral da criança e a educação desta no que diz respeito à transmissão de regras e valores.

No entanto, e como já foi referido ao longo da discussão dos resultados, muitos dos desafios vividos quer ainda no processo de adopção, quer já mesmo na parentalidade adoptiva, são desafios que poderão ser vividos na parentalidade biológica, o que reforça a ideia que a parentalidade adoptiva e a biológica se cruzam e encontram-se semelhanças entre elas. Como já referido, todas as famílias, biológicas ou não, enfrentam os seus desafios relacionados com o exercício da sua parentalidade. Podemos apontar como semelhante entre famílias, relativamente aos desafios da parentalidade: a chegada de um novo membro ao seio familiar, a adaptação mútua, a criação do vínculo afectivo, as alterações de rotinas, a preocupação com o desenvolvimento saudável e integral da criança, a transmissão de regras e valores, gerir a estabilidade familiar e moldar a criança às suas próprias características. De igual modo também existem pontos comuns entre as duas formas de parentalidade no que diz respeito às satisfações, como sejam: a chegada da criança, o desenvolvimento da criança, a vida e dinâmica familiar, as características da criança e a realização plena enquanto pais. Tal como referido no enquadramento teórico, nos estudos não existem diferenças significativas entre a parentalidade biológica e a adoptiva, ou seja, os pais adoptivos passam pelos mesmos desafios que os pais biológicos, com a excepção de algumas variáveis específicas da parentalidade adoptiva (Alarcão, 2006; Palacios e Sánchez-Sandoval, 2006), o mesmo se verifica no presente estudo.

Dos resultados obtidos com este estudo existem três aspectos que merecem se vistos com mais profundidade: o primeiro diz respeito ao ainda estigma relacionado com a adopção. A literatura refere que ainda existe estigma perante a adopção (Singer *et. al.*, 1985; Brodzinsky *et. al.*, 1995; Salvaterra & Verissimo, 2008), estes

dados corroboram essa permissa, uma vez que os participantes mencionam que sentem estigma perante a sua situação de adopção, e que mesmo as crianças são vítimas deste estigma. Este estigma provoca desconforto nos pais e pode ainda causar sentimentos negativos nas crianças, nomeadamente revolta. Alguns estudos mencionam isto mesmo, a criança pode desenvolver condutas desadaptativas que afectem o seu rendimento escolar (Palacios *et. al.*, 1996; Alarcão, 2006) Visto a adopção ser uma prática mais comum, torna-se essencial actuar a este nível.

O momento de revelação da situação de adopção à criança é descrito na literatura como sendo um momento que gera alguma ansiedade nos pais mas que quando estes são questionados pelos filhos respondem às suas questões (Palacios & Sánchez, 1996; Soares, 2009; Ferreira, 2010; Huber & Sequeira, 2010). Os dados obtidos com este estudo os pais mencionam que este não foi um momento que gerou sentimentos negativos e que falam naturalmente do assunto com os seus filhos. Quando questionados pelas crianças os pais respondem de forma a satisfazer a curiosidade natural da criança. Podemos concluir que esta comunicação aberta entre pais e filhas pode ser vista como forma dos pais tentarem dissipar possíveis mitos relacionados com a adopção que podem ser provenientes do estigma que as crianças sentem. Podemos ainda ver esta comunicação como forma dos pais transmitirem aos filhos que a adopção é algo natural. Torna-se também importante esta comunicação uma vez que existe a necessidade de fazer compreender algo central na história da criança e da família. Sendo que este dado é discrepante com o que foi encontrado na literatura, isto pode ser explicado pelas características sócio-culturais da amostra, uma vez que são sujeitos ligados à área da educação e por isso estão mais sensíveis a esta questão.

O apoio recebido pela família alargada torna-se um ponto fulcral na conclusão deste estudo, uma vez que os participantes mencionam este apoio ao longo do seu discurso. Ainda no processo de adopção, um dos resultados encontrados no discurso dos participantes diz respeito ao apoio sentido e recebido pela família alargada, algo que não corresponde ao encontrado na literatura, que diz que a família, inicialmente, não aceita esta decisão (Singer *et. al.*, 1985; Daniluk & Hurtig-Mitchell, 2003, cit. in Rocha, 2009). Este apoio recebido é bastante importante para que os casais enfrentem da melhor forma o processo e para que quando a criança chegue seja aceite na família Também nas vivências da parentalidade adoptiva foi possível obter resultados que correspondem ao apoio recebido no dia-a-dia e que se traduz numa satisfação mencionada pelos participantes. No entanto, este apoio familiar é distinto entre famílias, existem algumas reacções que podemos classificar como não apoio – que corrobora com os dados encontrados na literatura – mas a maioria dos

participantes referem-se ao apoio recebido pela família alargada. O apoio da família torna-se algo essencial para qualquer família, quer seja adoptiva ou não. Este apoio também se torna importante para que a criança se sinta aceite e integrada. O facto da família alargada aceitar a criança adoptada constitui um importante apoio na decisão dos pais permitindo o reforço positivo da mesma. A família é sem dúvida indispensável no desenvolvimento do sujeito e na promoção do bem-estar deste.

Perante estes resultados, este estudo torna-se relevante para os domínios da intervenção. Neste sentido podemos reflectir sobre a necessidade de actuar em relação a alguns aspectos da adopção, sobretudo no que diz respeito ao ainda estigma associado a esta. Neste campo pode-se actuar junto da população de forma a promover uma abordagem positiva do fenómeno da adopção e consequentemente reduzir o estigma que lhe é associado. Podemos ainda mencionar como implicação clínica a necessidade de formação relativamente à adopção, por um lado formação aos responsáveis dos serviços de adopção, para reduzir os desafios mencionados na literatura e para que este processo passe a ser vivido pelos candidatos de uma forma ainda mais positiva, e por outro lado formação aos pais que querem adoptar para que estes se sintam apoiados durante o processo e que possam possuir estratégias úteis para o desenvolvimento da sua parentalidade.

Como estudos futuros, consideramos importante explorar o funcionamento do processo sob o olhar dos serviços de adopção; aprofundar que crenças a população em geral tem perante a adopção; explorar o papel da família alargada na adopção, tendo como informadores os próprios elementos da família; e estudar as narrativas entre o pai e a mãe na forma como estes se articulam ou não articulam perante a adopção.

Apesar de se ter encontrado resultados bastante pertinentes, este estudo não deixa de ter as suas limitações, nomeadamente ao nível da representatividade da amostra. Visto que a amostra era de conveniência, os participantes eram de um estatuto sócio-económico médio-alto, o que pode explicar alguns resultados obtidos. A amostra foi uma limitação deste estudo devido à escassez de casais. Outra limitação do estudo prende-se com dois dos participantes terem vivido uma adopção internacional, que acarreta consigo outras especificidades, no entanto, como têm também as suas comunalidades e como a riqueza dos dados assim o permitiram, consideramos importante incluir estes participantes no estudo.

5. Referências bibliográficas

- Alarcão, M. (2006). *Famílias adoptivas*. In Alarcão, M. *(Des)equilíbrios familiares*. 3ª Edição, p. 220-229. Coleção: Psicologia Clínica e Psiquiatria Quarteto
- Almeida, L. & Freire, T. (2008). *Metodologia da Investigação em Psicologia*. Braga: Psiquilíbrios Edições.
- Almeida, J. (2010). *Laços que se Criam: O Papel da Comunicação sobre a Adopção na Integração da Criança na Família Adoptiva*. Tese de dissertação [Publicada]. Secção de Psicologia e da Saúde – Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Lisboa.
- Berástegui, A. (2005). *La adaptación familiar en adopción internacional: una muestra de adoptados mayores de tres años en la Comunidad de Madrid*. Madrid: Consejo Económico y Social de la Comunidad de Madrid.
- Berástegui, A. (2007). *La adaptación familiar en adopción internacional: un proceso de estrés y afrontamiento*. *Anuario de Psicología*, vol. 38, nº 2, 209-224
- Brodzinsky, D. (2011). *Children's Understanding of Adoption: Developmental and Clinical Implications*. *Professional Psychology: Research and Practice*, 42, n.º2, 200-207. doi: 10.1037/a0022415
- Brodzinsky, D. & Huffman, L. (1988). *Transition to adoptive parenthood*. *Marriage and Family Review*, 12, 267-286.
- Brodzinsky, D., Lang, R. & Smith, D. (1995). *Parenting adopted children*. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting. Vol. 3: Status and social conditions of parenting (pp. 209-232)*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum.
- Brodzinsky, D. M., & Pinderhughes, E. E. (2002). *Parenting and child development in adoptive families*. In M. Bornstein (Ed.), *Handbook of parenting: Children and parenting (Vol. 1, pp. 279–311)*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.
- Brodzinsky, D., Smith, D., & Brodzinsky, A., (1998). *Children's adjustment to adoption*. Vol. 38. *Developmental Clinical Psychology and Psychiatry*. Sage Publications.
- Ceia, A., Rosa, A., Gautier, D. & Silva (2006). *O lugar da intervenção – Regresso da criança à Família Biológica [Em linha]*. Disponível em: <http://www.cpihts.com/PDF02/Ana%20Ceia.pdf>. [Consultado em: 26-11-2011].

Cudmore, L. (2005). Becoming parents in the context of loss. *Sexual and Relationship Therapy, 20*, 299-308.

Cunha, S. (2005). *Todos juntos para sempre - Representações e expectativas sobre a família e a adoção em crianças e jovens institucionalizados*. Tese de Licenciatura em Sociologia [Publicada], Instituto Superior das Ciências do Trabalho e da Empresa, Lisboa.

Deacon, S. (1997). Intercountry adoption and the family life cycle. *The American Journal of Family Therapy, 25*, n.º3, 245-260.

Decreto de Lei n.º31/2003 de 22 de Agosto. Diário da República n.º193 – I Série A.

Diniz, S. (1993). *Este meu filho que eu não tive – A adoção e os seus problemas*. Porto: Edições Afrontamento.

Farber, M., Timberlake, E., Mudd, H., & Cullen, L. (2003). Preparing Parents for Adoption: An Agency Experience. *Child and Adolescent Social Work Journal, 20*, n.º3, 175-196.

Fernandes, D. (1991). Notas sobre os paradigmas de investigação em educação. *Noesis, 18*, 64-66.

Fernandes, E. & Maia, A. (2001). Grounded theory. Métodos e técnicas de avaliação: Contributos para a prática e investigação psicológicas. Braga: Universidade do Minho, 2001.

Ferreira, J. (2008). *Satisfação Conjugal e Parentalidade Biológica e Adoptiva*. Tese de dissertação [Publicada], Secção de Psicologia Clínica e da Saúde – Núcleo de Psicologia Clínica Sistémica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Lisboa.

Ferreira, J. (2010). *Comunicação e compreensão sobre a adoção: relação com o ajustamento psicológico – a voz da criança adoptada*. Dissertação de mestrado em psicologia clinica e da saúde [Não publicada], Faculdade de Educação e Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Ferreira, S., Pires, A. & Salvaterra, F. (2004). Filho do coração...Adopção e comportamento parental. *Análise Psicológica, Nº2 –XXII*.

Gomes, A. (2009). *A satisfação conjugal em casais candidatos à adoção: características em função do género e do motivo para adoptar (infertilidade/não*

infertilidade). Tese de dissertação [Publicada], Secção de Psicologia Clínica e da Saúde/Núcleo de Psicologia Clínica Dinâmica, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação – Universidade de Lisboa.

Huber, M., & Siqueira, A. (2010). Pais por adoção: a adoção na perspectiva dos casais em fila de espera. *Psicologia: Teoria e Prática*, 12(2), 200-216

Instituto da Segurança Social, I.P. (2010). Guia Prático – Adopção.

Legard, R., Keegan, J., & Ward, k. (2003). In-depth Interviews. Ritchie, J. & Lewis, J. (eds.) *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers*, 1–23. London & Thousand Oaks: Sage.

Levy-Shiff, R., Goldshmidt, I., & Har-Even, D. (1991). Transition to Parenthood in Adoptive Families. *Developmental Psychology*, 27, n. 1, 131-140.

Lourenço, E. (2007). A família adoptiva, uma tela pintada com uma nova cor: Pressupostos relacionais e psicológicos da adoção [Em linha]. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/TL0178.pdf>. [Consultado em: 22-10-2011].

Magán, M., & Tarazona, C., 2007. El servicio de atención post-adoptiva en la Comunidad Valenciana. El trabajo social con la familia adoptiva. *Anuario de Psicología*, vol. 38, nº 2, 259-264

Martins, E. & Szymansky, H. (2004). A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. *Pesquisa em psicologia*, Nº1, 63-77

Monteiro, J. (2009). Adopção: espera, integração e adaptação familiar: Perspectiva de pais e filhos – um estudo exploratório. Tese de dissertação [Não publicada]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

McDonald, T., Propp, J. & Murphy, K. (2001). The postadoption Experience: Child, Parent, and Family Predictors of Family Adjustment to Adoption. *Child Welfare League of America*, 80, 1, 71-94.

Neighbour, R. (1985). The family life-cycle. *Journal of the Royal Society of Medicine Supplement*, n.º8, 78, 11-15

Palacios, J. (2007). Después de La adopción: necesidades y niveles de apoyo. *Anuario de Psicología*, 38, n.º2, 181-198.

- Palacios, J. & Sánchez, Y. (1996). Niños adoptados y no adoptados: um estudo comparativo. *Anuario de Psicología*, n.º 71, 63-85
- Palacios, J., Sánchez-Sandoval, Y. & Sánchez, E. (1996). *La adopción en Andalucía*. Sevilla: Consejería de Asuntos Sociales, Junta de Andalucía.
- Palacios, J. & Sánchez-Sandoval (2006). Stress in parents of adopted children. *International Journal of Behavioral Development*, 30 (6), 481–487. doi: 10.1177/0165025406071492
- Reis, M. (2009). *Necessidade de formação parental durante o processo de adoção: percepção dos adoptantes e dos profissionais*. Tese de dissertação [Não publicada]. Psicologia clinica e da saúde, Faculdade de Educação e Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Relvas, A. (1996). *O ciclo vital da família perspectiva sistémica*. Porto: Edições Afrontamento.
- Reppold, C. & Hutz, C. (2003). Reflexão social, controle percebido e motivações à adoção: características psicossociais das mães adoptivas. *Estudos de Psicologia*, 8(1), 25-36.
- Rocha, M. (2009). *Ideias e crenças sobre a adoção: Estudo com candidatos e pais adoptivos*. Tese de dissertação [Não publicada]. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.
- Sá, E. (2005). A adoção e o nascimento da família. In Sá, E., Sottomayor, M., Rosinha, I., & Cunha, M., *Abandono e adoção* (43-50). Edições Almedina.
- Salvaterra, F. (2007). *Vinculação e adoção*. Tese de doutoramento [Publicada]. Psicologia Aplicada – Psicologia do Desenvolvimento, Instituto Superior de Psicologia Aplicada – Universidade Nova de Lisboa.
- Sánchez-Sandoval, Y. (2011). Satisfacción com La adopción y com SUS repercusiones em la vida familiar. *Psicothema*, 23, n.4, 630-635.
- Salvaterra, F., & Veríssimo, M. (2008). A adoção: O Direito e os afectos - Caracterização das famílias adoptivas do Distrito de Lisboa. *Análise Psicológica*, 3 (XXVI), 501-517

Santona, A. & Zavattini, G. (2005). Partnering and parenting expectations in adoptive couples. *British Association for Sexual and Relationship Therapy*, 20, n.3, 309-322. doi: 10.1080/14681990500142004

Silva, G. (2010). O método científico na psicologia: Abordagem qualitativa e quantitativa [Em linha]. Disponível em: <http://www.psicologia.pt/artigos/textos/A0539.pdf>. [Consultado em: 01-06-2012].

Singer, L., Brodzinsky, D., Ramsay, D., Steir, M., & Waters, E. (1985). Mother – infant attachment in adoptive families. *Child Development*, 56, 1543 – 1551.

Snape, D. & Spencer, L. 2003. The foundation of qualitative research. Ritchie, J. & Lewis, J. (eds.) *Qualitative Research Practice: A Guide for Social Science Students and Researchers*, 1–23. London & Thousand Oaks: Sage.

Soares, J. (2009). *Processo de Comunicação sobre a Adopção: Estudo Exploratório junto de Famílias Adoptivas Portuguesas*. Tese de dissertação [Não publicada]. Psicologia Clínica e da Saúde, Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade do Porto.

Strauss, A. & Corbin, J. (1990). Basic of Qualitative Research. *Newbury Parck CA: Sage Publications*, 287-289.

VanKatwyk, P. (2003). Family life cycle theory [Em linha]. Disponível em: http://www.cappe.org/ed_mod/ii.%20FAMILY%20LIFE%20CYCLE%20THEORY%5B1%5D.pdf. Consultado em: 26-11-2011.

Weber, L. (1996). Famílias adoptivas e mitos sobre laço de sangue [Em linha]. Disponível em: http://www.nac.ufpr.br/artigos_do_site/1996_Familias_adotivas_e_mitos_sob_relacoes_de_sangue.pdf. [Consultado em: 22-11-2011].

Weber, L. (1998). O filho universal – um estudo comparativo de adoções nacionais e internacionais. *Direito de Família e Ciências Humanas - Caderno de Estudos*, n.º 2, 119-152.

Zhang, y., Lee, G. (2010). Intercountry Versus Transracial Adoption: Analysis of Adoptive Parents' Motivations and Preferences in Adoption. *Journal of Family Issues*, 32(1) 75–98.

ANEXOS

Anexo 1 – Guião de entrevista semi-estruturada

Entrevista Semi-estruturada

Processo de adoção	Motivação para a adoção	Motivo principal para a adoção; Antes de tomarem a decisão consultaram a opinião de alguém? (familiares, amigos, profissional,...)
	Decisão	Em que contexto surgiu a conversa/decisão; Quem tomou a iniciativa;
	Características da criança	Idade, porquê? Sexo, porquê? Que “fantasias” criaram em relação à criança?
	Reacções/Apoios	Como foi recebida a ideia pelo cônjuge Como foi recebida a ideia pelos familiares Como foi recebida a ideia pelos amigos Alguma vez foi alvo de estigma? (pela IDEIA/DECISÃO de vir a adoptar) Especifique. Alguma vez sentiu que esta decisão não foi bem recebida? Quem?
	Vivências	Principais desafios Principais satisfações <ul style="list-style-type: none"> • Infertilidade • Tempo de espera • Estigma social • Trâmites jurídicos • Longo e complicado processo institucional – avaliações • Fantasias em relação à criança • Apoio recebido • Relação/comunicação do casal

Parentalidade adoptiva	Vivências	<p>Principais desafios - Descreva-me os seus principais desafios com a sua vida familiar (que causa stress diário)</p> <p>Principais satisfações - Descreva-me as principais satisfações com a sua vida familiar (preocupações)</p> <ul style="list-style-type: none"> • Transição para a parentalidade adoptiva • Adaptação (sua, cônjuge, criança, familiares e amigos) • Reacções/apoios • Preocupação com o desenvolvimento saudável da criança • Preocupação com o desenvolvimento do vínculo afectivo • Preocupação em exercer uma autoridade e disciplina claras • Preocupação em não conseguir moldar a criança às suas características • Mudanças (em si, na sua rotina, na criança, no seu cônjuge, no seio familiar) • Sentimentos actuais em relação à adopção • Sentimentos actuais em relação às características da criança • Revelação <p>Consequência da adopção: – Vida familiar + fácil ou + difícil? + feliz ou – feliz? Fale-me um pouco da sua experiência como mãe/pai do menino...</p>
	Percepção	<p>Até que ponto considera que alguns comportamentos da criança possam ser influência genética ou de experiências prévias?</p> <p>Considera que por ter um filho adoptado a sua família é diferente das outras?</p> <p>Considera que por ter um filho adoptivo tem problemas que as outras famílias não têm?</p> <p>Sente que a vêm de maneira diferente por ter um filho adoptado?</p> <p>Sente que olham para a criança de forma diferente por esta ser adoptada?</p> <p>Quando pensa no futuro tem medo pelo facto do seu filho ser adoptado?</p> <p>Todo o processo e esta nova fase correspondem ao que esperavam?</p>

Anexo 2 – Consentimento informado

Consentimento informado

No âmbito do Mestrado Integrado em Psicologia – Especialização em Psicologia da Educação e Desenvolvimento Humano da Universidade Católica Portuguesa – Porto, surge esta investigação sobre os desafios e as satisfações da maternidade e a paternidade adoptivas. Este projecto de investigação tem como principal objectivo identificar e compreender quais os factores de satisfação e de desafio inerentes à parentalidade adoptiva, vivenciados pelos pais no período de pré-adopção e de pós-adopção.

Os dados serão recolhidos através de uma entrevista gravada, que posteriormente será transcrita para ser possível trabalhar os dados.

Neste sentido, gostaríamos de poder contar com a sua disponibilidade para participar no estudo. Todos os dados serão **anónimos** (para efeitos de apresentação), **confidenciais e utilizados apenas para esta investigação**.

Eu, _____ ,
autorizo a gravação desta entrevista e posterior utilização dos dados de forma confidencial e declaro ter sido informado dos objectivos de estudo, aceitando participar no estudo acima descrito.

(Assinatura do(a) entrevistado(a))

(Assinatura da entrevistadora)

Porto, 2012

Anexo 3 - Grelha de classificação à priori de acordo com a revisão bibliográfica

Processo de adopção	Factores de desafio	Infertilidade
		Processo institucional
		Avaliações
		Tempo de espera
		Incerteza do resultado da adopção
		Trâmites jurídicos
		Necessidade de justificar a sua decisão
		Pouco apoio da família alargada
	Estigma social	
	Factores de satisfação	
Parentalidade de adoptiva	Factores de desafio	Infertilidade
		Transição repentina
		Adaptação mútua (pais-criança)
		Criação de vínculo afectivo
		Desenvolvimento saudável da criança
		Moldar a criança às suas características
		Comunicação acerca da adopção
		Autoridade e disciplina
		Reacção familiar
	Estigma	
		Factores de satisfação
		Adaptação da criança
		Integração da criança
Família alargada	Aceitação/apoio	
	Não aceitação/rejeição	

Anexo 4 – Grelha de classificação à posteriori de acordo com os resultados obtidos

Processo de adopção	Desafios	Ideias prévias	Específicos da adopção	Relação com os técnicos	
				História passada da criança	
			Tempo de espera		
			Não específicos da adopção	Não concretização do processo	
		Problemas da Criança		Saúde Aprendizagem adaptação	
		Desafios vividos	Específicos da adopção	Tempo de espera	
				Burocracia	
				Falta de informação sobre a criança e a sua história	
	Transição repentina para a parentalidade adoptiva				
	Não específicos da adopção		Preparar chegada da criança	Económico Logístico Social	
			Questionamento da auto-eficácia parental		
		Adaptação mútua			
	Satisfações	Específicos da adopção	Funcionamento do processo		
			Relação com os técnicos		
			Informação sobre história da criança		
			Escolha de características da criança		
Não específicos da adopção		Funcionamento do casal			
		Apoio família alargada			

Parentalidade adoptiva	Desafios	Específicos da adopção	Ajudar a criança a lidar com a sua situação de adopção	
			Gerir história passada da criança	
			Ajudar criança a lidar com as suas características	
			Estigma	
			Ajudar criança a lidar com o estigma	
			Desafio futuro	Perder a criança por esta procurar as suas origens
		Não específicos da adopção	Chegada da criança	
			Adaptação mútua	
			Criação do vínculo	
			Alteração de rotinas	
			Desenvolvimento saudável e integral da criança	Físico Psicológico Emocional Social
			Educação da criança	Regras Valores
			Não conseguir moldar a criança às características dos pais	
			Gerir estabilidade familiar	
	Satisfações	Específicos da adopção	Adaptação inicial da criança	
			Integração da criança	
			Semelhanças da criança aos pais	
			Provas de satisfação	Vontade de repetir adopção Aconselhar adopção a outros
		Não específicos da adopção	Chegada da criança	
			Desenvolvimento da criança	
Vida e dinâmica familiar				
Características da criança			Físicas Psicológicas	
Prova de satisfação			Realização plena	
Apoio família alargada				